PLACAR CORINTHIANS

AS MAIORES TORCIDAS DO BRASIL

EDITORA ABRIL

EXTRA

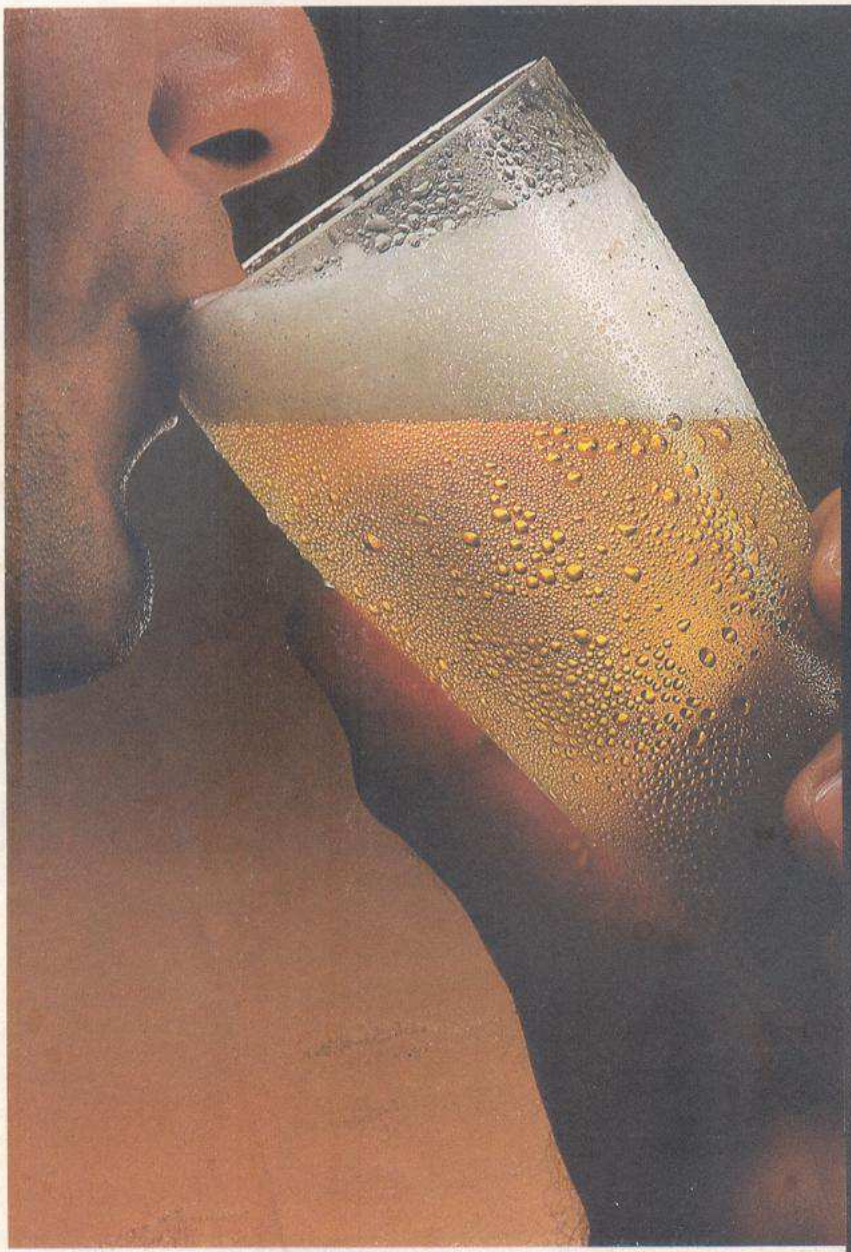
SUPERPOSTER:
O TIME DE TODOS
OS TEMPOS

DISCO COM
O HINO DO CLUBE

ADESIVO PARA
CARRO E BOTÕES

NEYD CITRANGULO

Está na boca de todos:



Cerveja Brahma Chopp, melhor que nunca.

"1, 2, 3, O SÃO PAULO É FREGUÊS!"

Zenon toca de calcanhar, Sócrates entra na área e pronto: o Corinthians é bicampeão, de novo em cima do São Paulo

"GANHAR ou perder, mas sempre com democracia." Assim era a faixa que o Corinthians levava para dentro de campo, no Morumbi, dia 14 de dezembro de 1983. Uma frase perfeita para representar o ambiente em que o clube vivia. Expressava o desejo de muitos e era uma resposta aos impiedosos críticos que confundiam o novo esquema de trabalho com indisciplina e presunção — as más línguas garantiam que a equipe não tinha condições de conseguir o bicampeonato, façanha esperada há 29 anos. "O futebol tem uma estrutura falida", pregava Sócrates. "A revelação entre o jogador e o clube é errada, paternalista. No Corintians, nós conseguimos mudar isso."

Personalidade forte. Talento. Sangue-frio. Nada falta ao Doutor Sócrates para comandar o Timão. Na primeira partida da decisão contra o São Paulo, ele havia feito ▷

NICO ESTEVES

Os heróis do bi. Um time que, segundo o Doutor, "livrou-se do paternalismo do futebol"

A ÚLTIMA GLÓRIA

ABRIL

A faixa: "Sempre com a democracia"

NICO ESTEVES

Juninho no "Morum" ("bi somos nós")

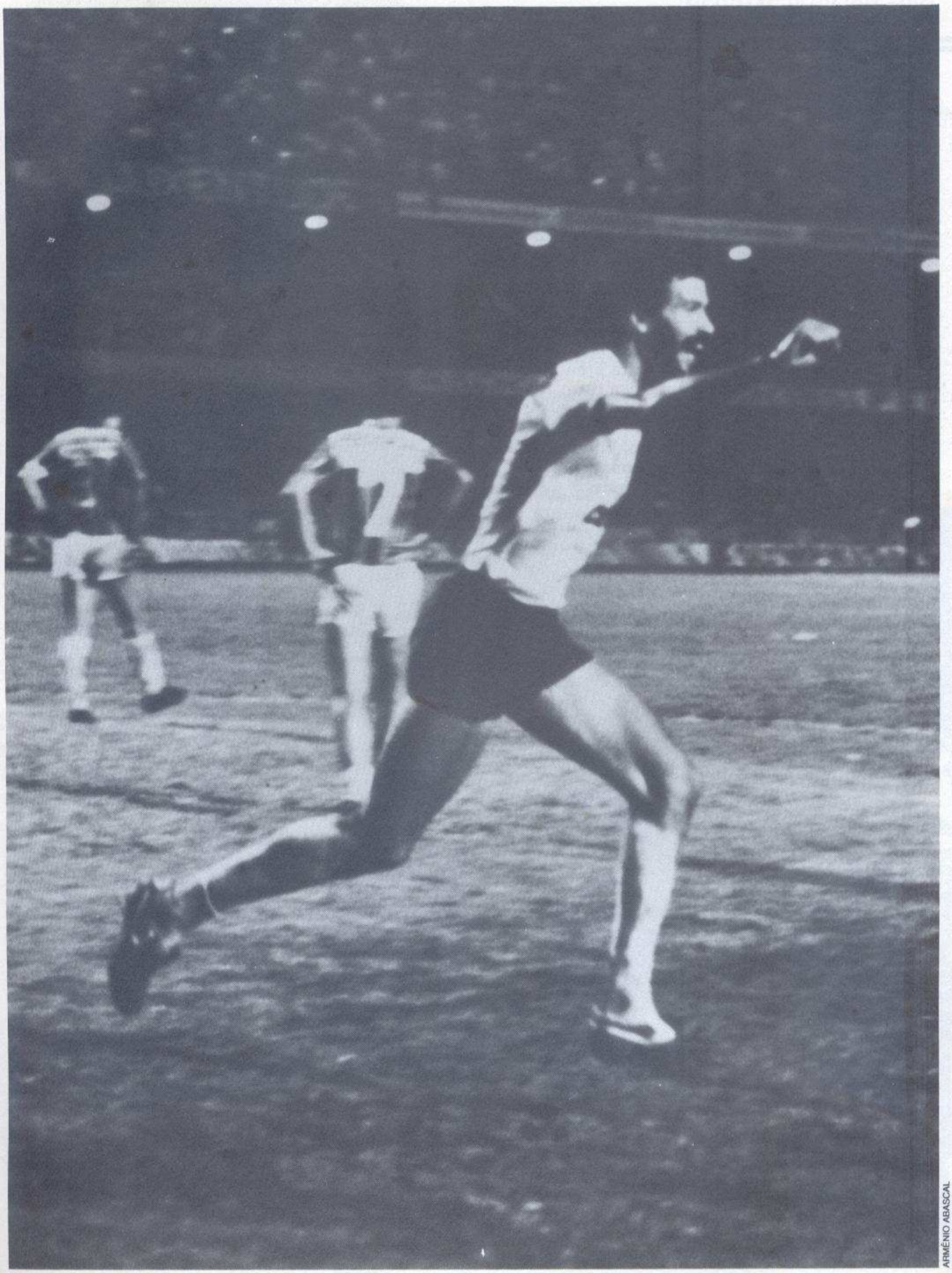
NICO ESTEVES

Oscar tenta segurar Casagrande: foi um jogo duro, mas o empate era corintiano

seu 20.° gol no campeonato, dando ao Corinthians a vitória por 1 x 0. Agora um empate bastava.

Tudo pronto. A tradicional guerra de nervos está feita, os são-paulinos entram em campo como tinham prometido: com muita disposição de se vingar da final do ano anterior, quando foram derrotados pelo Corinthians. Tanta gana, que a partida logo vira violência. Durante todo o primeiro tempo, o que menos se vê é jogo de bola. O tricolor Humberto só consegue parar Sócrates na base do pontapé, deixando o corpo do corintiano todo marcado. É uma partida presa no meio de campo.

Vem o segundo tempo. A tensão aumenta. Juninho se destaca na defesa. Eduardo cadencia o toque de bola do time. O tempo passa, os são-paulinos vão ficando mais nervosos. A galera corintiana, confiante, em- ▷



ARMÊNIO ABASCAL

Doutor Sócrates: talento, personalidade, sangue-frio — um craque inesquecível

purra seus 11 heróis. Na arquibancada tingida de preto e branco, a velha mania de berrar com o coração aquela palavra mágica: "Có-rinthians". Todos sabem que a equipe é melhor e mais capaz que o adversário.

No inimigo, mudam as ordens do técnico Mário Travaglini. E o São Paulo vai todo para a frente. Mas Leão está firme e Biro-Biro continua se matando em campo — como já o fizera durante todo o campeonato: mexe-se por toda a parte e baratina os adversários, que ficam à sua caça. Já foram jogados 30 minutos. Os tricolores se desesperam. Darío Pereyra dá uma entrada dura e é expulso por Dulcídio Wanderley Boschilia. Não há mais nenhuma técnica. É só raça. Poucos corintianos ensaiam o coro em alguns pontos do estádio: "É campeão". Calma, pedem todos. O melhor está por vir.

Agora são 45 minutos. Vem aí a cena final do campeonato. Eduardo passa a bola para Zenon, a defesa do São Paulo abobalhada apenas vê o toque de calcanhar para Sócrates, que chuta de mansinho para o fundo da rede. O jogo terminava ali. O gol enlouquece o Morumbi. O título de campeão paulista — o 19.º na história do clube — já tem dono. O estádio não veria o gol do São Paulo, aos 49 minutos. Todos tinham coisa mais importante a fazer: cantar bem alto o nome do seu democrático bicampeão.

No vestiário em festa, Juninho goza: "O estádio agora vai-se chamar só Morum, porque bi somos nós". □

A festa, que do campo se espalharia pela cidade: uma vitória sobre os críticos da democracia

Chegando junto com a tecnologia de ponta!

MULTIMETRO DIGITAL

Da mesma forma como o fizera com o primeiro kit de televisão produzido no Brasil, novamente a **Occidental Schools** se antecipa no mercado, agora com o lançamento do revolucionário **multímetro digital** em forma de kit.

Kit digital — Além deste moderno equipamento, recentemente a **Occidental Schools** lançou também um avançado kit de **eletrônica digital**, inicialmente previsto para 50 experiências. O número de experiências poderá ser ampliado, de acordo com a capacidade de assimilação e criação de seu operador.

Kit de eletrônica digital

Estes e outros kits mais, são partes integrantes dos cursos técnicos intensivos, por correspondência, da **Occidental Schools**, onde teoria e prática se somam, dando ao aluno plenas condições de dominar os circuitos eletrônicos em geral.

Assim, por exemplo, no curso de televisão P&B/Cores, enquanto o aluno fica familiarizado com o funcionamento dos circuitos — técnicas de manutenção e reparos —, tem ainda a oportunidade de montar o ainda único televisor transistorizado, em forma de kit, produzido no Brasil!

Kit de televisão transistorizado

Valor do investimento — A esta altura, você deve estar se indagando a que preço sairiam o repasse destas tecnologias e equipamentos. O valor dos mesmos, se equiparam aos dos modelos similares produzidos em escala comercial. Isso, sem considerar que ao concluir o curso, mais que um usuário, você estará especializado numa área que poderá, inclusive, lhe proporcionar consideráveis rendimentos. Depende só de você.

Informações detalhadas — Para atingir o grau de credibilidade e a incontestável liderança no segmento de cursos técnicos especializados, a **Occidental Schools**, sempre se preocupou em bem informar a seus alunos, antes mesmo da efetivação da matrícula. Afinal, num curso por correspondência é importante você saber, antecipadamente, quem são e o que fazem as pessoas que prometem êxito em seus estudos.

Sendo assim, solicite pessoalmente maiores informações em nossos escritórios, por telefone ou, simplesmente, utilizando a nossa caixa postal com o cupom abaixo. Qualquer que seja o meio utilizado, teremos o máximo prazer em lhe atender. Conte desde já conosco!

atendimento de alunos

OCCIDENTAL SCHOOLS
AL. RIBEIRO DA SILVA, 700
01217 SÃO PAULO SP
Telefone: (011) 826-2700

PL / P 13

À
OCCIDENTAL SCHOOLS
CAIXA POSTAL 30.663
01051 SÃO PAULO SP

Desejo receber **gratuitamente** e sem nenhum compromisso, catálogos ilustrados do curso que assinalo a seguir:

☐ Eletrônica ☐ Eletrônica Digital ☐ Áudio e Rádio ☐ Televisão
☐ Eletrotécnica ☐ Instalações Elétricas ☐ Refrigeração e Ar Condicionado

Nome _____

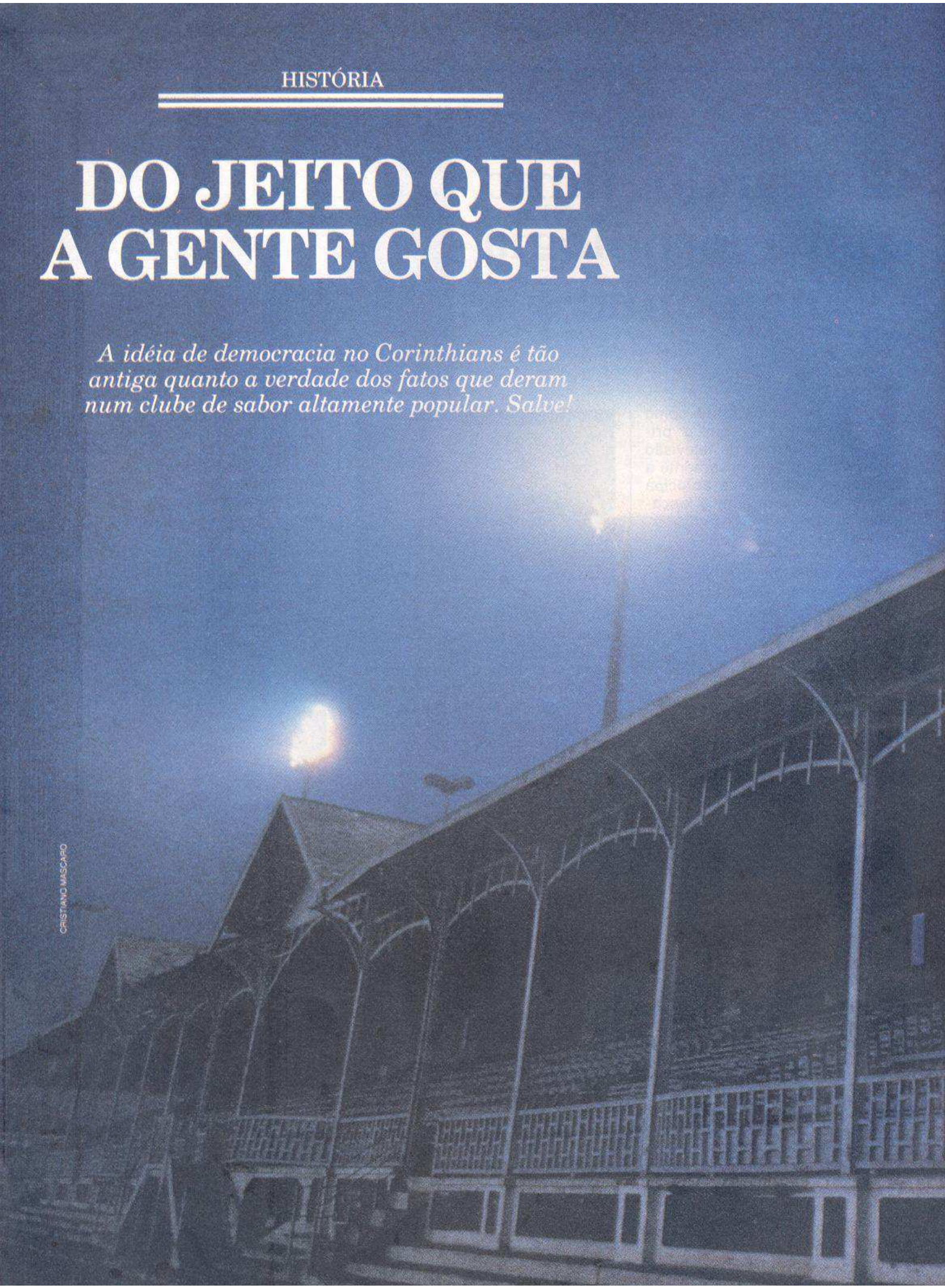
Endereço _____

Bairro _____

CEP _____ **Cidade** _____ **Estado** _____

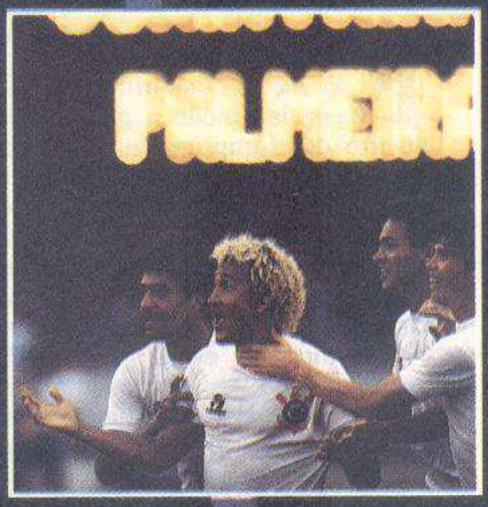
DO JEITO QUE A GENTE GOSTA

A idéia de democracia no Corinthians é tão antiga quanto a verdade dos fatos que deram num clube de sabor altamente popular. Salve!



CRISTIANO MASCARO

A tradicional arquibancada social do estádio da Fazendinha, comprado em 1928: um símbolo do time do povão. Assim como o jovem Biro-Biro, que segue a trilha iniciada pelo tricampeão de 1914, 15 e 16



SERGIO BEREZOVSKY

ABRIL

FOTOS ABRIL

Aos 14 anos de idade, tricampeão de 1922, 23 e 24

EM 1910, as ruas ainda eram iluminadas por lampiões a gás. E era sob a luz de um dos lampiões, na Rua José Paulino, no Bom Retiro, que aqueles cinco homens se reuniam para conversar. Como sempre, o assunto era futebol e, desta vez, eles comentavam o impressionante estilo inglês do Corinthians Team, de passagem pelo Brasil, que tinham acabado de ver jogar.

"Fantásticos esses ingleses!", concordavam os cinco, todos funcionários da estrada de ferro São Paulo Railway e todos concentrados na mesma idéia: criar um time de futebol... como aquele.

Uma idéia audaciosa — eles sabiam. Futebol, na época, era coisa de grã-finos. Fundar um clube exigia não só dinheiro como também coragem. Mas aquele ótimo futebol inglês tinha reacendido a chama e eles não podiam mais esperar. Contavam com os amigos, com um terreno baldio na José Paulino (que, aplainado, poderia virar campo) e ainda tinham aquela paixão, que ardia no peito e não podia mesmo esperar.

No dia seguinte, estavam lá de novo. Era 1.º de setembro de 1910 e os cinco sonhadores — Joaquim Ambrósio, Carlos da Silva, Rafael Perrone, Antônio Pereira e Anselmo Correia — se reuniam com mais oito simpatizantes e fundavam ali mesmo, sob a luz do lampião, um clube de futebol. O presidente seria Miguel Bataglia, mas ainda faltava escolher o nome.

"Que tal Corinthians?", sugeriu Joaquim Ambrósio.

Todos aplaudiram e o presidente completou:

"Sport Club Corinthians Paulista!"

Mais aplausos. E só quando alguém perguntou oude iam arranjar o dinheiro é que o silêncio caiu entre os presentes.

"O Corinthians vai ser o time do povo", disse o presidente. "E o povo é quem vai fazer o time. Vamos iniciar uma coleta."

Uma semana depois, já obtinham resultados, comprando a primeira bola de futebol do clube (na época, importada e caríssima) e começando a aplainar o terreno baldio da José Paulino. O entusiasmo crescia, mas ainda faltava conquistar um quadro social.

Novamente bateram de porta em porta e cada um que chegava à barbearia de Salvador Bataglia, irmão de Miguel, trazia um novo adepto. Logo, a barbearia da Rua Júlio Conceição se tornou pequena para tantos sócios. A "sede" do clube foi então transferida para a confeitaria de Afonso Desidério, na Rua dos Imigrantes, 34.

O empreendimento estava dando certo e, no dia 14 de setembro, o Corinthians fazia seu primeiro treino, assistido por centenas de populares. Rafael Perrone era o capitão do time A, e Anselmo Correia, do B. O trei-

O MAIOR CAMPEÃO DE SÃO PAULO

Desde que foi fundado, o Corinthians acumulou os seguintes títulos nos campeonatos paulistas: 1914; 1916; tri em 1922, 23 e 24; novamente tri em 1928, 29 e 30; novamente tri em 1937, 38 e 39; 1941; bicampeão em 1951 e 52; 1954 (o inesquecível título do IV Centenário); 1977; 1979; e novamente bi em 1982 e 83. Um total de 19 títulos, jamais alcançado por qualquer clube paulista.

No antigo Rio-São Paulo — disputado entre as maiores equipes dos dois Estados — o Corinthians foi campeão em 1950, 53, 54 e 66 (dividindo este último título com Santos, Botafogo e Vasco).

Entre os inúmeros torneios nacionais e internacionais, conquistou a Pequena Taça do Mundo disputada na Venezuela em 1953; a Taça Portugália, em 1922; o Troféu Bandeirantes, em 1954; e tomou posse definitiva da Taça dos Invictos, depois de jogar 35 partidas sem uma derrota, entre os anos de 1956 e 57. Conquistou definitivamente a Taça Cidade de São Paulo (entre 1942 e 52) e, como time do povo, conquistou também a Taça do Povo em 1970.

Aos 20 anos de idade, tricampeão de 1928, 29 e 30

no agradou e, no primeiro jogo da história do clube — contra outro time de várzea, o poderoso União Lapa —, o público foi ainda mais numeroso. No final, Lapa 1 x 0. Bom resultado, para um time tão jovem.

O segundo jogo foi marcado, desta vez contra a Associação Atlética Lapa — uma equipe temível, composta só de jogadores ingleses. O Corinthians venceu de 5 x 0 e a primeira vitória foi comemorada com festa no Bom Retiro.

O TIME alvinegro ia-se tornando popular, criando fama e já era um dos grandes da várzea paulista. Precisava, agora, se filiar. Nessa época (1913), o futebol paulista estava dividido: de um lado, Paulistano A.A., Palmeiras, Mackenzie, Ipiranga e Scotish Wanders na Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA); e, do outro, Americano, Germânia e Internacional, os "três mosqueteiros", na Liga Paulista de Futebol. O Corinthians pleiteava uma vaga junto aos três, mas precisava vencer dois jogos eliminatórios para ser aceito. O time passa fácil pela prova e se torna o "quarto mosqueteiro" — o D'Artagnan, símbolo da vingança que mantém até hoje.

No primeiro Campeonato Paulista, a participação do Corinthians não foi das melhores: terceiro lugar. Mas, no ano seguinte (1914), a grande torcida, quase toda de operários, via seu time ser campeão invicto da Liga. Em campo, Sebastião, Fúlvio e Casemiro; Pollice, Bianco e César; Américo, Peres, Amílcar, Aparício e Neco.

Em 1915, o Corinthians não participa do campeonato. Sai da Liga por divergências políticas e não consegue se filiar à APEA. Mas, em 1916, de volta à Liga, enfrenta e vence seu campeão — o Germânia — por 4 x 0 e ainda derrota a A.A. Palmeiras (campeão da APEA), por 3 x 0, obtendo, assim, uma vitória que o consagra como melhor time de São Paulo.

Em 1917, com a extinção da Liga, a saída de Casemiro para o Mackenzie e a de Pollice para o Botafogo, o time sofre seu primeiro abalo. Seus três anos seguidos sem derrotas em jogos oficiais, no entanto, lhe valem um convite para integrar a APEA. E a reputação do Corinthians finalmente se consolida.

Naqueles anos, a tática futebolística era primária e uma simples troca de função de dois jogadores (Neco, da ponta para a meia; e Amílcar Barbury, de centroavante para centromédio) consegue melhorar o time e o levar à final do campeonato de 1918. Resultado: Paulistano, 1 x 0.

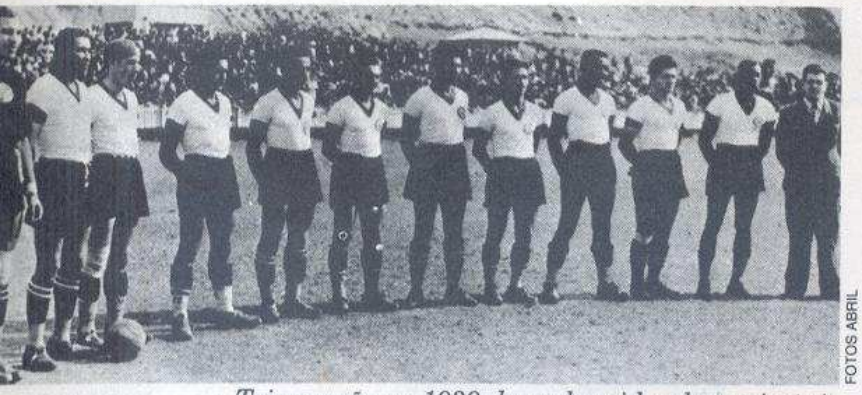
Mas um novo desafio viria levantar o ânimo dos jogadores e a equipe recupera seu poderio vencendo por 2 x 1 o Flamengo, em seu primeiro jogo interestadual.

Nessa época, as estrelas eram Amílcar e Neco. Faziam parte da Seleção Brasileira de 1919, que trouxe para o Brasil o título de campeão sul-americano disputado no campo do Fluminense, no Rio, e sem eles o Corinthians não podia vencer o campeonato paulistano, mesmo ganhando o Torneio Início.

Em 1920, a história é a mesma: o Corinthians ganha o Torneio Início, mas perde o campeonato para o Palestra. Em 1921, a vez é do Paulistano de ficar com o título. O Corinthians, pela terceira vez, vence o Torneio Início.

1922: o vencedor do campeonato será o campeão do Centenário da Independência e carregará a honraria por 100 anos. O campeonato é uma guerra. Todos querem o título, mas ele só vai ser decidido na final: Corinthians 2 x Paulistano 0. A torcida delira e São Paulo entra em festa. Do campo, saem vitoriosos: Mário, Rafael e Del Debbio; Gelindo, Amílcar e Ciasca; Peres, Neco, Gambarotta, Tatu e Rodrigues, a mesma equipe que depois enfrenta o campeão ▷

1937: o primeiro título no profissionalismo



FOTOS ABRIL

Tricampeão em 1939: hora de cuidar do patrimônio

carioca, o América, e leva por 2 x 0 o título de Campeã do Centenário do Brasil.

Em 1923 e 24, o sucesso é o mesmo e o Corinthians consegue um fato inédito: o tricampeonato paulista. Na equipe, algumas modificações: Colombo no lugar de Mário; Grané, no de Rafael, e Rueda, no de Amílcar.

Em 1924, o futebol paulista entra em crise. O Paulistano, clube de elite, resolve fundar a Liga dos Amadores de Futebol (LAF). Alguns clubes deixam a APEA e a situação piora, para melhorar apenas em 1928. Nesse ano, o Corinthians compra o terreno do Parque São Jorge (por intermédio de seu presidente Ernesto Cassano e por 750 contos de réis) e o inaugura no dia 22 de julho, empatando por 2 x 2 com o América do Rio. Finalmente, conquista invicto o campeonato da APEA, jogando com Tuffy, o Satanás; Grané, o 420 (cujo chute era comparado ao 420, o canhão mais poderoso da época); Aparício, De Maria e o já veterano Neco.

Em 1929, enquanto o mundo sofria os reveses do craque da Bolsa de Nova York, o Corinthians embriagava os paulistas conquistando invicto o bicampeonato. É nessa época que fica conhecido como o "time da virada", por empatar de 4 x 4 com a equipe inglesa do Chelsea, depois de estar perdendo por 3 x 0.

O campeonato de 1930 era quase certo. E não houve surpresa quando o Corinthians derrotou o Santos, na final, por 5 x 1 conquistando pela segunda vez o título de tricampeão paulista. Mas, no ano seguinte, o clube sofre alguns desfalques, com a saída de Rato, De Maria, Del Debbio e Filó (todos para a Itália) e só consegue a sexta posição no campeonato.

1932: explode a Revolução Constitucionalista. O Corinthians passa por uma nova crise e as lutas internas do clube acabam prejudicando a equipe, que só melhora um posto no final do campeonato: quinto lugar. Em 1933, 34 e 35, a situação não muda. Jogadores como Neco e Tuffy abandonam a carreira e a renovação não é fácil. Mas, em 1936, os sinais de melhora são evidentes. O time perde a melhor-de-três para o Palestra, mas já tem uma formação respeitável. Os destaques são Jaú, Jango, Brandão, Lopes; Rato e De Maria (já de volta) e Teleco. É com eles que consegue o título paulista de 1937.

Em 1938, o feito se repete num campeonato de um só turno, prejudicado pela disputa do Mundial na Itália. E, em 1939, a segunda conquista de um tricampeonato inicia para o Corinthians um período de efervescência.

Em 1940, o Pacaembu é inaugurado e o futebol paulista agora tem um estádio

A MARCA DO TIMÃO

O primeiro escudo do Corinthians era quase um losango de fundo branco com frisos negros, tendo ao centro o monograma SCP. Em 1917, o losango virou retângulo e as iniciais do clube ficaram completas: SCCP. Três anos depois (1920), o escudo já era parecido com o atual — um círculo negro com o nome do clube e data da fundação em branco — S.C. Corinthians Paulista, 1910 —, tendo, ao centro, a bandeira paulista. Em 1933, estabeleceu-se finalmente o famoso escudo do Corinthians — em preto, vermelho e branco — e foram acrescentados a âncora e os remos, em homenagem aos demais esportes que passaram a ser praticados no clube.

Por força estatutária, o escudo do clube é uma propriedade da agremiação, com uso exclusivo do Corinthians e registrado como sua marca e patente.

à altura de suas equipes. Nesse ano, 852 452 ingressos são vendidos durante o campeonato; o Corinthians alcança o quarto lugar.

Em 1941, líder de ponta a ponta do campeonato, o time entra em campo para disputar sua última partida contra o Palestra já com as faixas de campeão. Mas perde por 2 x 0 e o amargo gosto daquela derrota só passa no ano seguinte, com a vitória do torneio Quinela de Ouro, que reunia cinco grandes do Rio e de São Paulo: Corinthians, São Paulo, Palestra, Flamengo e Fluminense.

O Corinthians não consegue o título paulista em 1942, mas aumenta seu patrimônio, adquirindo o campo do Guarani, em frente ao Parque São Jorge. Até 1950, aliás, não vence nenhum campeonato paulista. Vive de esporádicas conquistas como as da Taça Cidade de São Paulo e os vice-campeonatos de 1943, 45, 46 e 47.

Em 1950, a situação muda: o Corinthians é o campeão do Torneio Rio-São Paulo, um campeonato importante. E, em 1951, vai finalmente à forra.

Começa o jogo. O campeonato está ganho, mas falta vencer o arquiinimigo Palmeiras. Eles querem carimbar a faixa, mas desta vez não tem jeito: Corinthians 3 x Palmeiras 0 (gols de Carbone, Jackson e Luizinho). A campanha tinha sido impressionante: 28 jogos — 24 vitórias, duas derrotas e dois empates — e 103 gols, marcados por Cláudio, Luizinho, Baltazar, Carbone e Mário. A máquina alvinegra.

Em 1952, com o presidente Alfredo Ignacio Trindade, o Corinthians conquista o bicampeonato antes mesmo da final contra o São Paulo (em 25 de janeiro de 1953) e vence o jogo, com três gols de Carbone.

EM 1953, um convite: disputar a Pequena Copa do Mundo, na Venezuela, junto com o Barcelona (Espanha), o Roma (Itália) e a seleção local. O Corinthians vai e não perde um jogo. Nem empata: vence todos e, na volta, é recebido festivamente em Congonhas. Mas toda essa atividade prejudica a conquista do título de 1953. Não faz mal. O que o presidente Trindade quer é o título de 1954, o do IV Centenário da Cidade de São Paulo, e no dia 6 de fevereiro de 1955 lá estão Corinthians e Palmeiras novamente disputando a final. Para o alvinegro basta o empate. E consegue: 1 x 1. Depois de 32 anos, o time tem outro título para se orgulhar — o Campeão dos Centenários —, que vem com o de bicampeão do Torneio Rio-São Paulo e o de campeão do Torneio Charles Miller.

Campeão em 1977: um título à base de garra

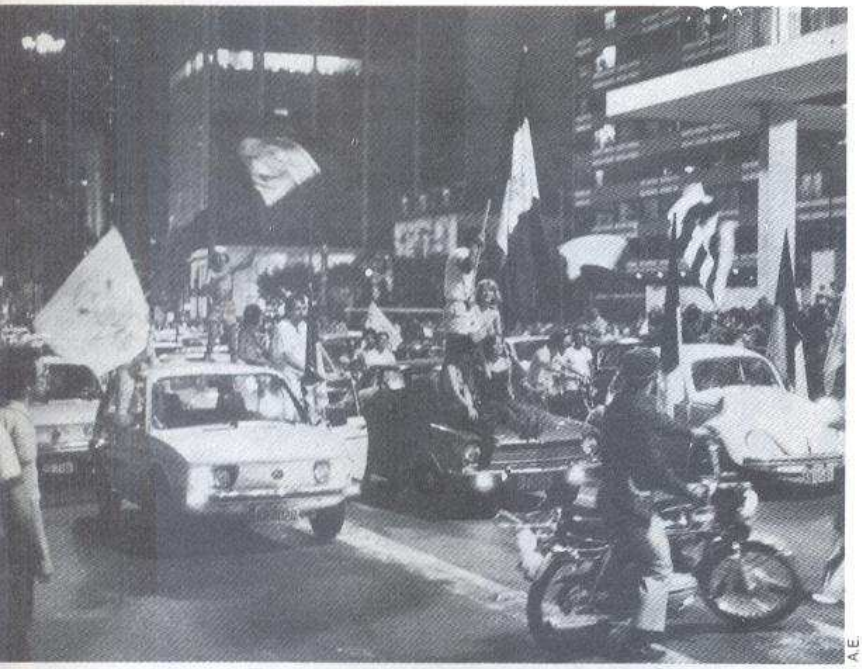
EM 1955, o Torneio Charles Miller tem outra envergadura. Além do Corinthians, participam Palmeiras, Flamengo, América do Rio, Peñarol e Benfica. E é contra o time português que o alvinegro decide o título, vencendo por 2 x 1.

1958: começa um período de decadência. A equipe precisa ser reformulada. Índio e Zague não conseguem marcar os gols que Carbone e Baltazar fazem; e o capitão Cláudio Christovam Pinho deixa a ponta-direita para o juvenil Roberto Bataglia.

1959: Vicente Matheus ganha as eleições e contrata Sílvio Pirilo como técnico. Mais reformulações no time, mas o Corinthians não reage e chega em quarto lugar.

1960: Sílvio Pirilo briga com Luizinho e perde o cargo para Alfredo Ramos, que pouco depois o entrega a Jim Lopes. As derrotas causam desespero e Vicente Matheus contrata o pernambucano Almir por 8 milhões, pagos de seu bolso. Os altos salários do Pernambuquinho incomodam a equipe. E os fracassos se sucedem.

1961: Wadih Helu vence as eleições e contrata, para o ataque, reservas do Flamengo. É tempo de Espanhol, de Manoelzinho, Ferreira e Beirute. O goleiro Gilmar não agüenta a gozação (o time é chamado de Faz-Me Rir) e pede para ser vendido ao Santos. Mas o Corinthians ▷


A.E.

Festa em 1979: de volta o costume de vencer

consegue uma boa dupla de artilheiros para a temporada de 1962, Nei e Silva, e é vice-campeão.

1963, Corinthians, sétimo lugar no Campeonato Paulista. A idade média do time é de 19 anos e o técnico, Paulo Amaral. Silva briga com o diretor de futebol, Elmo Franchini, e é afastado da equipe.

1964, novo contrato — o gaúcho Flávio vem ganhar no alvinegro 80 000 cruzeiros. Luizinho, que tinha ido para o Juventus, volta. E a equipe tem chances de chegar ao título, mas perde do Santos por 7 x 4 e mergulha ainda mais no desespero.

Rivelino surge em 1965.

Para dar mais personalidade ao time, Wadih Helu contrata Dino Sani e o goleiro Marcial. Conseguem o terceiro lugar.

Garrincha chega em 1966, mas o velho Mané pouco ajuda. Mesmo assim, Corinthians, vice-campeão.

Em 1967, depois de o time cair um posto na colocação final, o técnico Zezé Moreira declara: "O Corinthians precisa é de um psicólogo, não de um treinador".

Em 1968 vem outro técnico: Lula, no Santos há 14 anos. Vem para quebrar o tabu que já dura 13 anos. E no dia 6 de março, finalmente, Corinthians 2 x Santos 0, gols de Paulo Borges e Flávio. A redenção custou 2 milhões de cruzeiros com as contratações de Paulo Borges, Buião e Eduardo. Mas o time fica em segundo lugar, outra vez atrás do Santos.

A ESPERANÇA fica para 1969. E a diretoria continua contratando. Vieram Ado, Servílio, Miranda, Suingue e Ivair. Quando o time começa a pegar, morrem num acidente de automóvel o lateral Lidu e o ponta-esquerda Eduardo. O Corinthians, então líder do campeonato, amarga três derrotas e o Santos conquista seu segundo tricampeonato.

O ESTATUTO DA FAZENDINHA

O Sport Club Corinthians Paulista é uma sociedade civil, de fins não-econômicos e duração por tempo indeterminado. Tem personalidade jurídica distinta da de seus sócios, que não respondem pelas obrigações assumidas pelo clube. O quadro social é composto de titulados (fundadores, grandes beneméritos, beneméritos e atletas laureados); contribuintes (portadores de títulos patrimoniais, dependentes e extramunícipes); militantes; e sócios de futebol. Todos eles, por força estatutária, com o direito de votar e ser votado para o Conselho Deliberativo (CD).

O Corinthians tem cinco poderes: a Assembléia-Geral (AG), que se reúne de quatro em quatro anos no mês de março, para eleger novo Conselho Deliberativo; o Conselho Deliberativo, que é soberano e escolhe a diretoria do clube, inclusive conselheiros, presidente e vice-presidente; o Conselho de Orientação (Cori), que fiscaliza a administração da Diretoria; o Conselho Fiscal, que verifica a escrituração geral do clube; e a Diretoria, composta de 21 membros e liderada por um presidente e um vice.

O Conselho Deliberativo, que deve ser constituído de dois terços de brasileiros, reúne membros vitalícios (30% do CD) e eleitos, com mandatos de quatro anos. Os demais (conselheiros, vice e presidente) têm mandatos de dois anos, sendo que o presidente pode ser reeleito uma única vez consecutiva, estendendo assim sua principal atribuição: contratar os jogadores e técnicos indicados pelo vice de futebol.

O nome do clube e seus símbolos são de propriedade da sociedade, mas não há restrições ao seu uso para dar nomes a bairros, localidades ou municípios, nem para associações ou homenagens que não tenham fins lucrativos.

Em 1970, enquanto o Brasil vencia na Copa do Mundo do México, a campanha do Corinthians dava desespero nos torcedores. Mesmo com a vinda de Zé Maria e do centroavante Mirandinha, o clube vencia apenas seis das 18 partidas e ficava em quinto lugar.

Wadih Helu perde as eleições em 1971 e o técnico Aimoré Moreira — que insiste na renovação do time com Adãozinho, Peri, Tuta e Ferreira — vê o São Paulo ser bicampeão. O Corinthians enfrenta séria crise financeira, fruto de gastos abusivos e da má administração. No dia 15 de agosto de 1972, o presidente Miguel Martinez é destituído do cargo, assumindo Vicente Matheus. Rivelino pede para sair, ao ver o Palmeiras disputando o título com o São Paulo. É a crise.

Em 1973, a história não muda. Chega o disciplinador Iustrich e só arranja confusão. Pelé consegue seu último título paulista, dividido com a Portuguesa, devido a um erro de Armando Marques na contagem das cobranças dos pênaltis.

O pai-de-santo Edu, do Recife, visita o Parque São Jorge. "Isso está cheio de maus espíritos", comenta na saída. E todos lhe dão razão quando o time perde por 1 x 0 a decisão do campeonato de 1974 para o Palmeiras. A torcida, revoltada com os 20 anos sem títulos, atribui a derrota à falta de raça de seu maior ídolo: Rivelino.

No princípio de 1975, o Garoto do Parque é vendido ao Fluminense, num clima de desânimo total.

Em 1976, a fiel começa a tomar novo impulso. O Campeonato Paulista fica com o Palmeiras, mas, no Campeonato Brasileiro, o Corinthians consegue o vice, perdendo para o Internacional na decisão. A invasão que a torcida faz ao Estádio do Maracanã para ver o time vencer o Fluminense nos pênaltis, no entanto, é inesquecível. São mais de 70 000 corintianos no Rio de Janeiro.

EM 13 DE OUTUBRO de 1977, quando o Corinthians entra em campo para enfrentar o time da Ponte Preta pela decisão do título, toda a cidade de São Paulo vive o clima meio de euforia, meio de desespero. Será que finalmente o pesadelo de 23 anos vai acabar? A tensão está no ar. É mortal.

Aos 37 minutos do segundo tempo, bola na área da Ponte. Bate num jogador, quase vai fora, bate na trave, volta para Basílio e... goooooooOOOLLLLLL! O grito vara a noite, percorre o Brasil, entra para a História. É o maior momento da nação corintiana. CORINTHIANS CAMPEÃO! Todos são heróis, principalmente Basílio, Palhinha, Wladimir, Zé Maria, Ruço e — claro — o torcedor corintiano.

ARMÊNIO ABASCAL

Bicampeão em 1983: na cadência da classe

Depois disso, o clube retoma a tranqüilidade e o crescimento. Em 1978, não consegue ser bicampeão, mas traz do Botafogo de Ribeirão Preto o jogador Sócrates. Em 1979, Sócrates e Palhinha comandam o time na conquista de outro campeonato. Novamente a vítima, na final, é a Ponte Preta. E o resultado: Corinthians 2 x 0. (O dia é 10 de fevereiro de 1980.)

Em 1980, o time faz uma campanha regular. E o mesmo acontece em 1981. O São Paulo aproveita a chance e conquista um bi.

Em 1982, já com o presidente Waldemar Pires no lugar de Vicente Matheus, o Corinthians muda a estrutura arcaica de seu futebol. O diretor de futebol, Adílson Monteiro Alves, vive junto com o elenco o projeto da democracia corintiana. A idéia básica é um cooperativismo entre os jogadores, com responsabilidade de todas as partes, que elimine o autoritarismo das concentrações para os casados e dê o direito de expressão a todos. A iniciativa, apesar de muitas pressões internas e externas, tem êxito.

O time consegue o título de 1982 e é bicampeão em 1983, com Sócrates & Cia., depois de 31 anos. □

SANGUE, SUOR E RAÇA, SEMPRE

Em tardes de decisão, em noites memoráveis quebrando tabus ou até num Maracanã preto e branco, um Timão com o coração nas chuteiras

O CORINTHIANS começou o ano de 1982 por baixo, na Taça de Prata. Mas, viva a humildade: realizou, evoluiu e passou à Taça de Ouro, onde fez bonito: quarto lugar. Quando, no dia 12 de dezembro, o time entrava em campo para decidir o título paulista com o São Paulo, já havia espantado as bruxas de seu caminho, jogava com personalidade própria. Sem dúvida, era uma vitória da democracia implantada no futebol do clube, que seguia uma filosofia simples: "Todos têm o direito a opinião e a liberdade de participar do projeto de tornar o Corinthians campeão", proclamava o diretor de futebol Adílson Monteiro Alves. A experiência dera certo e o Corinthians foi o clube com melhor campanha no campeonato. Vinha para a final com direito a um empate, já que ganhara a primeira partida decisiva por 1 x 0.

1982: solidariedade e democracia

A tensão natural que antecede as grandes decisões, entretanto, fora acentuada com declarações como as do preparador físico do São Paulo, Gilberto Tim. "Eles vão tremer. Somos machos e o Corinthians é um bando de meninos desmamados."

"Ah, é? Se o problema dele é homem, pode vir aqui no clube", respondeu o goleiro Solito.

Circo armado, nervos à flor da pele, começa o jogo. O time são-paulino é conhecido como A Máquina. Tem Oscar, Darío Pereyra, Marinho, Renato, Serginho e Zé Sérgio. E o Corinthians conta com Wladimir, Sócrates, Zenon, Casagrande — a revelação do ano — e Biro-Biro. Talento por talento, a comparação só pode ser feita durante a partida.

E o jogo é duro. Belas jogadas contrastam com lances banais, e o primeiro tempo termina em 0 x 0. Quando a partida recomeça, os são-paulinos, que precisavam da vitória, partem com tudo. Esfriam, aos 20 minutos, quando Zenon cobra uma falta na trave de Waldir Peres. E desabam quando Biro-Biro entra na área, meio desequilibrado, e assinala o primeiro gol.

No desespero, partem para cima e, aos 32, Darío Pereyra empata o jogo. Eis que Ataliba faz jogada de gênio, dois são-paulinos trombam, Biro se aproxima, recebe e mete a bola no meio das pernas de Waldir. É o herói da partida. Corre para a torcida agitando a bandeira do Corinthians que um torcedor lhe atira. Sobra tempo para Casagrande fazer seu 28.º gol no Campeonato, José de Assis Aragão apitar o final e a massa assistir ao time da solidariedade dar a volta olímpica. Devagar, saboreando a conquista.

Biro-Biro e Casagrande, em 1982: uma comemoração parecendo uma declaração de amor

FOTOS JB SCALCO

1922: ANO DO centenário da Independência do Brasil. No futebol, um atrativo chamava a atenção: o vencedor do campeonato, além de receber um título importante, seria declarado "Campeão do Centenário" e permaneceria com a glória por 100 anos. Na visão romântica dos homens da época, isso valorizava o Campeonato Paulista e conquistá-lo seria um feito.

A febre de vencer já tinha atingido a equipe alvinegra e valorizado sua campanha. O Corinthians chegava à final com garra e a disputa decisiva estava marcada para o dia 4 de fevereiro de 1923, contra o Paulistano. O campo do Floresta estava lotado. O Corinthians entrava com Neco; e o Paulistano, com Friedenreich. Na última hora, o juiz Bartholomeu Gugani — o Bartô, beque da A.A. São Bento — não compareceu. E Agenor Urbina Telles, do Rio Claro F.C., acabou sendo seu substituto.

O jogo já começa nervoso, disputado.

Bola com Neco, entra pelo meio e vai driblando. Um, dois, engana o terceiro e deixa a área escancarada para Tatu arrematar sem dar a menor chance ao goleiro Arnaldo. O Paulistano reage e Del Debbio, Gelindo e Amílcar têm que se desdobrar diante das investidas de Formiga, Zecchio e Friedenreich. No segundo tempo, a tensão aumenta. Só quando o meia Peres centra a bola na área para Gambarotta completar de cabeça, fazendo seu 19.º gol no campeonato, é que a torcida explode. Voam palhetas no campo, formam-se cortejos pelas então calmas ruas da cidade e, nos botecos do subúrbio, o assunto é um só. A façanha ganha contornos de lenda. Os filhos que nascessem seriam "campeões do centenário". E este ninguém tirava mais, pelo menos nos próximos 100 anos.

ABRIL

1922: a pose antes de levantar o campeonato

RODOLPHO MACHADO

Maracanã, 1976: Corinthians até debaixo da água

5 DE DEZEMBRO de 1976. Setenta mil corintianos invadem o Rio de Janeiro para assistir à semifinal do Campeonato Brasileiro. O adversário é o Fluminense, uma verdadeira máquina de jogar futebol, e seu presidente, Francisco Horta, passara a semana inteira provocando a torcida da Fiel. Por isso estão todos lá. Um exército em festa. Os bares vendem em tempo recorde 80 000 garrafas de refrigerante e 120 000 de cerveja. Faz calor, mas chove sem parar.

A entrada das duas equipes em campo tem um duelo à parte. A torcida tricolor gasta 2 toneladas de pó-de-arroz na saudação e os corintianos respondem com uma atordoante bateria de fogos e milhares de bandeiras. Quanto às torcidas, não há dúvida de que a visitante é a vencedora.

Moisés e Ruço chegam junto e se impõem. Romeu e Neca fazem o vaivém constante e Givanildo cadencia o meio-campo. Em vão. O Fluminense impõe seu toque de bola e, aos 18 minutos, Gil cruza e Carlos Alberto Pintinho se antecipa a Zé Eduardo, sem dar chance para Tobias.

O gol assusta mas não esfria o ânimo da torcida. Onze minutos depois, Vaguinho centra para Neca cabecear. Ruço, de meia-bicicleta, todo torto, vence o goleiro Renato e empata a partida. O tempo todo, a massa empurra o time. O Maracanã vira um lamaçal e o jogo fica feio tecnicamente. O Corinthians se defende como pode. É só raça.

Vem a prorrogação e os ataques e contra-ataques se sucedem. O 1 x 1 persiste e a decisão é nos pênaltis. Um ritual de tortura pouco recomendável para os corações mais fracos. O presidente Vicente Matheus reza no túnel enquanto os jogadores se aprontam para as cobranças. Neca bate primeiro. Chuta. Marca. Rodrigues Neto vem depois. Tobias defende, mas o juiz manda voltar. Novo chute, novo erro. Explode um carnaval, o barulho é ensurdecedor. Tobias defende outro pênalti. Ruço e Moisés também conferem. A vantagem é grande e Zé Maria vai cobrar o último. Chuta e... pimba! É um gol histórico, daqueles de lembrar para sempre. Agora, o exército pode voltar para a base. Missão cumprida. ▷

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

cursos rápidos!

- DESENHO ARTÍSTICO E PUBLICITÁRIO
- CORTE E COSTURA (PARA A FORMAÇÃO DE MODISTAS)
- SUPLETIVO DE 1º GRAU
- BORDADO TRICÔ E CROCHÊ
- SUPLETIVO DE 2º GRAU
- AUXILIAR DE ENFERMAGEM
- REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO
- DESENHO ARQUITETÔNICO (Desenho de Plantas para Construções)
- TORNEIRO MECÂNICO
- DESENHO DE MECÂNICA
- MECÂNICA DE AUTOMÓVEIS
- ELETRICIDADE DE AUTOMÓVEIS
- MECÂNICA GERAL
- SECRETARIADO MODERNO
- AUXILIAR DE ESCRITÓRIO
- PORTUGUÊS (1º e 2º Graus)
- AUXILIAR EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
- ELETRICIDADE
- CONTABILIDADE PRÁTICA (ASSISTENTE DE CONTADOR)
- INGLÊS
- MATEMÁTICA (1º e 2º Graus)

e mais dois novos lançamentos:
FOTOGRAFIA e **CINEMA SUPER 8**

A maior e mais perfeita organização de ensino por correspondência do país!

Nossa escola atinge, com rapidez e eficiência, todos os pontos do território brasileiro, ministrando, através de professores altamente especializados, um ensino minucioso e objetivo, de resultados práticos imediatos.

Afinal são 45 anos de experiência!

Matricule-se com urgência e receba as lições do curso escolhido, bem como todo o material necessário gratuitamente.

MENSALIDADES AO ALCANCE DE TODOS.

CURSO DE
RADIOTÉCNICO
TRANSÍSTORES
TELEVISÃO
PRETO E BRANCO E A CORES

GRÁTIS MATERIAL COMPLETO

Matriz: Av. Rio Branco, 781 – Caixa Postal 5058 – São Paulo – CEP 01000
Filial Rio de Janeiro: Rua Riachuelo, 159 (Próximo aos Arcos da Lapa)

MANDE O CUPOM ABAIXO OU ESCREVA-NOS HOJE MESMO.

PL / P 13 INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Av. Rio Branco, 781 – Cx. Postal 5058 – São Paulo – CEP 01000

Senhor Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de _____ por correspondência.
(INDICAR O CURSO DESEJADO)

Nome _____
Rua _____ N.º _____
CEP _____ Bairro _____ Cx. Postal _____
Cidade _____ Estado _____

ESTE CUPOM É SEU

MANDE O CUPOM ABAIXO OU ESCREVA-NOS HOJE MESMO.

PL / P 13 INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Av. Rio Branco, 781 – Cx. Postal 5058 – São Paulo – CEP 01000

Senhor Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de _____ por correspondência.
(INDICAR O CURSO DESEJADO)

Nome _____
Rua _____ N.º _____
CEP _____ Bairro _____ Cx. Postal _____
Cidade _____ Estado _____

ESTE É PARA SEU AMIGO

FOTOS ABRIL

1954: De Gilmar ao mestre Osvaldo Brandão, os heróicos campeões do IV Centenário

O DIA 6 DE fevereiro de 1955 amanheceu ensolarado. Desde cedo, o movimento nas ruas era intenso. Carros e ônibus passavam lotados em direção ao Estádio do Pacaembu. Às 4 da tarde, Corinthians e Palmeiras decidiriam o Campeonato Paulista e o vencedor seria o Campeão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Para o Corinthians bastava o empate. Estava três pontos na frente e só tinha mais um jogo, com o São Paulo. O Palmeiras, não. Precisava da vitória e, caso a conseguisse, ainda teria de torcer pelo tricolor.

Muito folclore cercava a disputa. E a superstição ganhou contornos hilariantes. Do lado palmeirense, um pai-de-santo mandou o presidente do clube, Paschoal Byron Juliano, gessar a perna e carregar uma bengala branca, com a qual benzeria o treinador Aimoré Moreira — dois toques em cada ombro — para deixá-lo com o corpo fechado. Como se não bastasse, mandou o time entrar em campo vestido de azul. Ordem extraterrena. Não podia ser contestada.

No Corinthians, um presidente nervoso — Alfredo Ignacio Trindade — ficava no vestiário, rosário nas mãos, lágrimas nos olhos, numa reza sentida que se acelerou quando os jogadores entraram em campo com seus calções negros, camisas brancas e distintivo sobre o coração.

Pacaembu lotado, começa a partida. Cláudio e Luizinho ensaiam uma tabela, Waldemar Fiume intercepta e toca para Dema. Este procura Jair Rosa Pinto, mas Jair está marcado por Simão (substituto de Carbone). A bola rola no meio-campo, a parada é dura. Aos 10 minutos, Goiano recupera uma bola na intermediária, lança para Rafael, que centra para a área. Luizinho se antecipa a Waldemar Fiume e bate forte, de cabeça, sem chance para Laércio. O Pacaembu vira uma loucura, mas o time cai na retranca. Quando o primeiro tempo acaba, o goleiro Gilmar já é o melhor homem em campo, fazendo grandes defesas.

Começa o segundo tempo e a tensão aumenta. Aos 5 minutos, Homero faz falta em Liminha. Jair cobra e Idário erra na cabeçada. A bola vai entrando e Ney tem apenas o trabalho de empurrá-la. É o empate.

Passam-se os minutos, o jogo é dramático: Corinthians na defesa, Palmeiras no ataque. Gilmar vai salvando o time. O juiz Esteban Marino já olha para o relógio quando Humberto chega na marca de pênalti do Corinthians, vê o canto e chuta. Gilmar defende a bola. Não dá tempo para mais nada. Corinthians, Campeão dos Centenários!

A torcida invade o gramado e carrega os jogadores. Luizinho tem seu uniforme rasgado, Gilmar chora. Os torcedores Chico Mendes e Tan-Tan descobrem carros alegóricos que vão animar o carnaval nas ruas. A festa é corintiana, se arrasta pela madrugada e passa para a história.

JÁ ERAM 11 anos e 22 partidas sem uma única vitória contra o Santos. Um tabu que se arrastava desde 3 de novembro de 1957, quando o Corinthians empatou de 3 x 3 com o time da Vila Belmiro, conquistando a Taça dos Invictos e jogando pela primeira vez contra um garoto feroz chamado Pelé.

O Pacaembu estava lotado. O dia era 6 de março de 1968 e a cidade não tinha outro assunto que não fosse o jogo: "Será que desta vez dá?" O Corinthians, reforçado por Paulo Borges, Buião e o técnico Lula (vindo do Santos depois de 11 anos), entrou em campo. Nas arquibancadas, uma faixa demonstrava o espírito da torcida: "A Fiel não está de luto; só os covardes acreditam na derrota". E todos gritavam: "É hoje!"

Verdade que o goleiro Diogo não inspirava muita confiança e a maioria não acreditava que o lateral-direito Osvaldo Cunha pudesse levar a melhor contra o ofensivo ponta Edu. Mas a partida estava começando e o negócio era torcer. O Corinthians começa tentando sufocar o Santos. Cláudio faz boas defesas e o técnico santista Antoninho vaticina: "É fogo de palha! Deixa eles correrem!" No banco corintiano, o técnico Lula fuma um cigarro depois do outro e grita: "Flávio, vê se não dorme. Mexa-se!"

O primeiro tempo termina empatado. Luís Carlos é o melhor homem em campo e marca Pelé com segurança. No intervalo, a instrução de Lula é curta e grossa: "O time deve lutar como se fosse o último jogo da vida de cada um". E é com este espírito que todos voltam ao campo para o segundo tempo.

A pressão do Timão aumenta. Rivelino coloca uma bola, de primeira, e ela bate na trave. Aos 13 minutos, Paulo Borges desce pela esquerda, tabela com Flávio e recebe na frente. Mesmo desequilibrado, arrisca um tiro de esquerda. É gol! Corinthians 1 x 0. Mas exige-se atenção. Pelé é impossível. Todos sabem.

Aos 31 minutos, Rivelino sai driblando, aproxima-se da área e aguarda a infiltração de Flávio. Coloca o centroavante na frente do gol e este não desperdiça a chance: enfia o pé com vontade e acaba com o tabu. Quando o juiz Roberto Goicochea apita o fim da partida, Pelé chora, os jogadores do Corinthians são carregados e o ponta-esquerda Edu, do Santos, leva a bola para o vestiário. ("Um presente para o meu sargento", revelou, depois, o recruta.)

No dia seguinte, uma fila de torcedores contornava o quarteirão da Igreja dos Enforcados, na Liberdade. Os corintianos pagavam aliviados suas promessas, sabendo que a fé tinha ajudado o futebol a vencer o tabu, a derrotar o imbatível Santos de Pelé. ▷

No Pacaembu, Flávio (9) e Paulo Borges massacram o time de Pelé e acabam com o tabu

Naquela noite de verão, em 1977, não restou uma única cerveja nos bares de São Paulo. A sede corintiana era muita e não dava mesmo para ficar de goela seca, agüentando toda a emoção só com a coragem. O jeito era tomar uma e torcer. Desesperadamente. Até com loucura. Vinte e três anos sem um campeonato era muita coisa. Centenas de jogadores tinham aparecido e sumido; dezenas de técnicos tinham passado pelo clube e a dor pesava no sofrido peito do corintiano. A torcida era imensa, bem maior que antes, e estava sedenta. Entre eles, um único desejo, uma idéia fixa: "Corinthians, campeão!"

O time entra em campo. No banco, a força de Osvaldo Brandão. Profético, ele tinha avisado Basílio: "Você vai fazer o gol do título". Agora, era ver.

Começa a partida. Provocações agitam o ambiente. O Corinthians vai para cima, mas a defesa da Ponte Preta é forte e está bem postada. Luciano, que substitui Palhinha, dá logo um chutão. A bola passa por Carlos e bate na trave. Afobado, o zagueiro Polozi quase marca contra. Deus!

Aos 16 minutos, a vez é deles. Rui Rei penetra na área e leva a bola com a mão. É obstruído por Wladimir, mas Dulcídio Wanderley Boschilia já havia marcado a primeira falta. Rui Rei reclama, leva cartão amarelo. Prossegue na reclamação e é expulso. Mas a Ponte, mesmo com dez, se desdobra. Aos 39 minutos, é a vez de Geraldão aproveitar o cruzamento de Vaguinho e cabecear, mas Carlos defende. Acaba o primeiro tempo e os 1 900 guardas de serviço no Morumbi têm muito trabalho para evitar brigas e acalmar os ânimos.

Começa o segundo tempo e os dois times estão cautelosos. O medo é recíproco. Aos 17 minutos, Luciano chuta uma bola perigosa. Oito minutos depois, é a vez de Dicá cabecear sozinho. O velho Brandão levanta do banco e manda o time ir para a frente. É tudo ou nada. Nas arquibancadas, os torcedores se vigiam uns aos outros com medo de que o coração falhe.

São 37 minutos. Zé Maria cobra uma falta pelo lado direito. Sobra para Vaguinho, que manda a bola na trave. A sobra agora é de Wladimir, que cabeceia. Oscar salva, o rebote é de Basílio. O pé direito bate e marca.

ABRIL

Basílio, campeão em 1977: um grito de 23 anos

"Goooolll! Gol do Brasil", narra um empolgado locutor, captando bem o espírito da vitória.

Faltam ainda 8 minutos. O medo existe e está no ar. A bola não pára em campo, vai para todo lado. O problema é não deixar que chegue ao gol de Tobias. Que se dane o esquema tático. Oscar e Geraldão brigam e são expulsos. Palhinha está no túnel, roendo seu boné marrom, quando Dulcídio pega a bola e encerra o jogo. Osvaldo Brandão é carregado pelos torcedores. Vicente Matheus perde um pé de sapato e a multidão invade o campo. Enlouquecidos, comem a grama ou a guardam no bolso. Vale tudo como recordação. Os heróis, meio nus, dão a volta olímpica. O coro do "é campeão" invade a madrugada. São Paulo não é mais cinza — é preto e branco. Para saudar o encontro do povo com a glória. □

Escolas Internacionais:

O FUTURO EM SUAS MÃOS

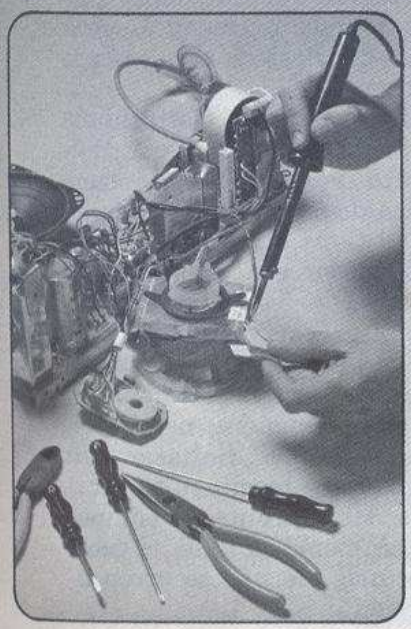
CURSOS DE: ELETRÔNICA; RÁDIO, ÁUDIO, APLICAÇÕES ESPECIAIS e TELEVISÃO

342

Escolas Internacionais, a maior, a mais moderna, a mais atualizada instituição de ensino por correspondência em todo o mundo! Na África do Sul, Austrália, Brasil, Canadá, Escócia, Estados Unidos, Gana, Inglaterra, Irlanda do Norte, Irlanda do Sul, Nova Zelândia, Singapura, Zâmbia e Zimbabwe.

A dimensão, a tradição, a seriedade e a atualização de ensinamentos são fatores muito importantes para você que deseja estudar por correspondência. É a garantia de que sempre contará com professores, educadores, engenheiros e técnicos modernos e muito bem preparados para levar-lhe os ensinamentos dos quais você não pode prescindir nos dias de hoje: MODERNOS. DINÂMICOS. SEMPRE ATUALIZADOS.

Você receberá, INTEIRAMENTE GRÁTIS, todas as peças, ferramentas, acessórios e componentes para fazer interessantíssimas experiências eletrônicas, para montar um *rádio portátil*, um *injetor de sinais*, um *multitester profissional*, um *sintonizador AM/FM, de 4 faixas, estéreo*, com *duas caixas de som*, um *receptor de televisão*.



ESCOLAS INTERNACIONAIS
Caixa Postal 6997 - CEP 01051 - São Paulo - SP - Telefone: (011) 803-4499

ATENÇÃO

Se você não quiser recortar sua revista, mande-nos o cupom anexo.

PL / P 13

Escolas Internacionais
Cx. Postal 6997 - CEP 01051 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 803-4499
Sr. diretor, solicito que me envie, inteiramente grátis, o catálogo completo dos cursos de: *(assinale com X o curso desejado).*

☐ Eletrônica ☐ Rádio, Áudio e Aplicações Especiais ☐ Televisão

Nome _____

Rua _____ n.º _____

Cidade _____

CEP _____ Cidade _____

DENTRO DOS NOSSOS CORAÇÕES

Craques ou grossos, discretos ou malabaristas, calmos ou temperamentais, todos têm um lugar de honra na memória corintiana. São imortais

Baltazar: 150 gols de cabeça

PARA os companheiros, ele era o Batata, apelido carinhoso, sem maiores significados. Para os cronistas da década de 50, era o Cabecinha de Ouro, por ter marcado mais de 150 gols de cabeça dos 267 que fez em 13 anos de Corinthians. Mas, para a torcida, ele era mesmo o Baltazar, um dos três reis magos — figura lendária, capaz de resolver as maiores aflições no menor espaço de tempo.

E o centroavante Osvaldo Silva era mesmo capaz disso. Esperava o passe preciso de Cláudio, saía correndo e, com um poderoso impulso, saltava mais que os beques. A cabeçada era um verdadeiro chute, tamanha sua força. E a direção escolhida era sempre a do canto do gol. Mas não era dado a grandes comemorações. Tinha, sim, seus devaneios. E um deles foi realizado. Antes da Copa de 1954, torrou todo o dinheiro que tinha num Cadillac, para pouco depois perdê-lo, incendiado por um curto-circuito. Perdeu, mas acabou ganhando. A torcida o elegeu "o craque mais querido do Brasil" e o prêmio foi um Studbaker zero km.

Em 1952, na II Copa Rio, o Corinthians venceu o time do Saarbruken por 6 x 1. Baltazar marcou cinco vezes. Nesse mesmo ano, foi o artilheiro do Campeonato Paulista, com 27 gols. Na Copa de 1954, 90% dos gols foram marcados por ele. Foi campeão paulista em 1951, 52 e 54; campeão sul-americano em 1952 e reserva da Copa do Mundo de 1950. E, apesar das glórias, jamais se considerou um craque: "Nunca fui bom com os pés. Mas ninguém, nem Pelé, foi melhor que eu de cabeça". Baltazar saiu do Corinthians em 1959 e terminou sua carreira no Juventus. Hoje, treina as equipes juvenis do Santos. A memória falha, a cabeça hoje dói muito, mas ele não se arrepende: "A torcida merecia".

Foi no dia 20 de agosto de 1978. O Corinthians tinha acabado de empatar com o Santos: 1 x 1. O jogador magro e espigado, recém-contratado pelo time, estava num canto do vestiário dando uma entrevista. "Que tal sua estréia?", perguntou um dos repórteres. E ele: "Razoável. Preciso me adaptar ao conjunto, pois futebol se joga coletivamente". Todos olharam. Era Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira falando.

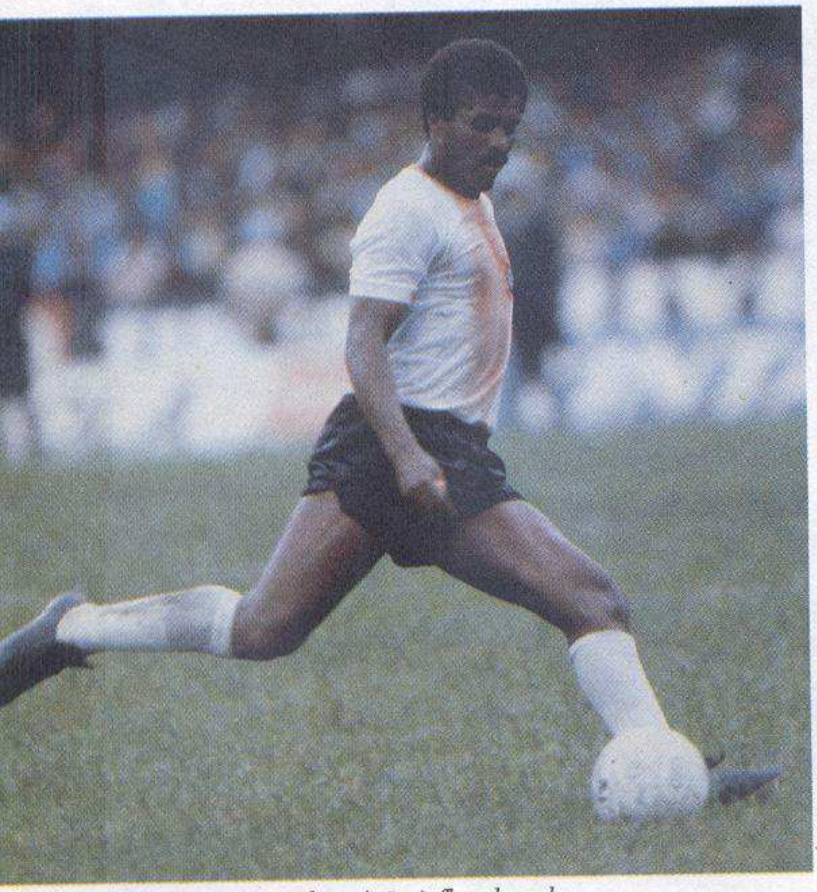
Naquele dia, nascia um ídolo. Diferente dos outros, comedido nas declarações, capaz de conter as emoções e de dominar qualquer situação com sua lógica fria. "Sócrates não é nome de jogador", diziam alguns, "mas de filósofo." Talvez tivessem razão. Seu futebol inteligente e oportuno não demorou a ser reconhecido. O toque de calcanhar, que virou marca registrada, era invenção dele: não precisava virar o corpo e o passe era mais rápido.

Sócrates valeu cada tostão dos 5,880 milhões de cruzeiros que Vicente Matheus pagou para tirá-lo do Botafogo de Ribeirão Preto. Um craque. E, fato inédito: um cabeça-fria. Tão fria que a torcida chegou a estranhar. Mas, um dia, lá veio ele correndo, de braços abertos e punhos erguidos, carregando dois ou três companheiros nas costas até a arquibancada. A galera desabou. Mas a cabeça continuou fria. Nos jogos da Seleção, esse Magrão, o Doutor (porque também é médico de profissão), foi elevado à categoria de gênio, detectando sucessos e fracassos.

Deu duro no Corinthians. Ajudou a ganhar os campeonatos de 1979, 82 e 83. Jogou no clube com a cabeça e o coração. E, para ele, o carinho do público sempre foi diferente. Sócrates era um ídolo palpável. Gostava de uma cervejinha, fumava... enfim, era mortal, para variar. "O jogador é um ser humano", disse um dia, "um trabalhador. Tem direito e deveres como todo mundo." E calou a boca dos que o criticavam. A irreverência da juventude tinha voltado ao Corinthians. Com força. Inclusive para abrir um capítulo na história do clube, chamado "democracia corintiana", que ele liderou. Depois, fez contrato com a Fiorentina, da Itália, e se foi. Pena. Sua lucidez anda fazendo falta no nosso futebol. ▷

NICO ESTEVES

Doutor Sócrates: personalidade democrática



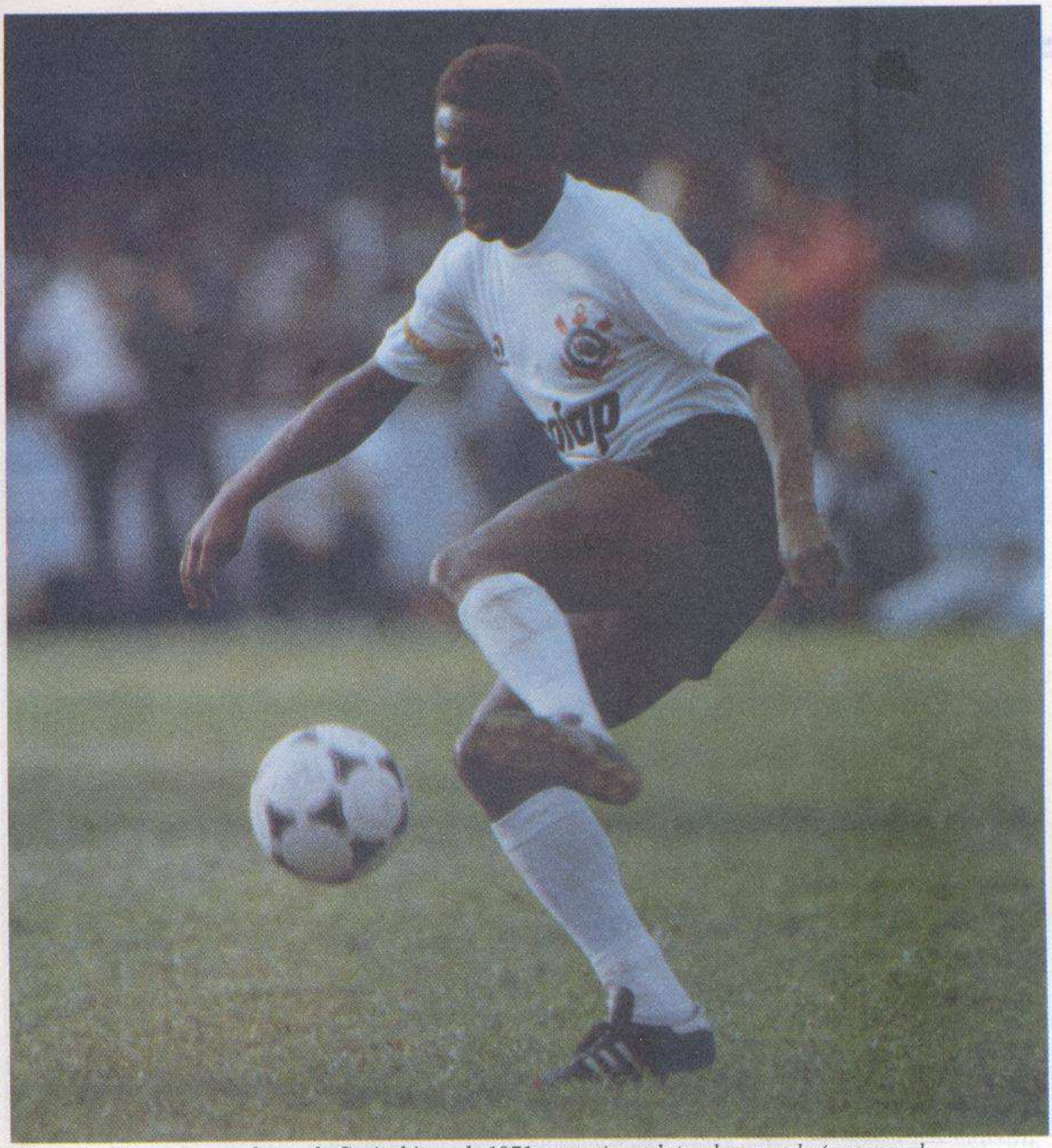
AMÍLTON VIEIRA

Zé Maria: uma grande paixão à flor da pele

DURANTE 13 anos, a camisa número 2 do Corinthians entrou em campo no peito de um torcedor apaixonado: José Maria Rodrigues Alves — Zé Maria, para o povo. Seu pai, Durvalino, transmitiu a ele o amor ao clube. Mais até. Enquanto o filho ficava na reserva de Carlos Alberto (Copa de 1970, México), Durvalino rescindiu seu contrato com a Portuguesa e o transferiu para o Corinthians. Lá, o negro forte festejou vitórias, amargou derrotas e, muitas vezes, chorou. Quando o clube perdeu a final de 1974, não saiu de casa um mês. "Tinha vergonha", confessou depois. A falta que resultou no gol de Basílio (1977), foi ele quem bateu. Musculoso, pesado, seus companheiros o chamavam de robô. Mas, de máquina, Zé Maria não tinha nada. Cheio de emoções, não resistia aos gritos da torcida. "É que, às vezes, vejo o rosto de meu pai entre eles", disse uma vez. Em 1983, acumulou a função de técnico com a de jogador — e ainda cumpria mandato de vereador à Câmara da cidade de São Paulo. Mas não gostou de dar ordens. Saiu. Sentia-se, também, velho para jogar. E anunciou sua despedida no jogo Corinthians x Santo André (10/9/83). Carregado pelos companheiros, teve a camisa disputada ainda em campo. Não resistiu. "Estão tirando um pedaço de mim", disse chorando.

O DIA EM QUE O BEGE CAIU FORA

Camisa bege, calção branco, punhos e gola pretos. O primeiro uniforme do Corinthians era bonito, mas a qualidade do tecido deixava muito a desejar, desbotando e manchando com o uso. As camisas ficavam meio brancas pelo desbotado, e meio azuladas pelo preto. E os calções, de saco de algodão, também logo se deformavam. O clube estava longe de seu uniforme ideal, que só foi conseguido em 1917, quando os jogadores começaram a usar os tão sonhados calções pretos e camisas brancas, poucas vezes substituídos nesses anos todos. De lá para cá, algumas modificações foram feitas. Mas não vingaram. Nem a gola em V na cor preta, que uma vez apareceu nas camisetas, nem a cor grená que o time usou uma vez na camisa para homenagear o desaparecimento da equipe do Torino, na Itália. (O jogo foi no Pacaembu.) Hoje, o uniforme número um do clube é a camisa branca com calcão preto; e o número dois, a camisa branca e preta com listras verticais e o calção preto.



NICO ESTEVES

Wladimir: diga uma escalação do Corinthians de 1971 para cá — o lateral-esquerdo é sempre ele

WLADIMIR Rodrigues dos Santos tinha 17 anos e jogava no juvenil quando o técnico Iustrich pôs o olho nele: era o jogador ideal para substituir o lateral-esquerdo Eberval. O garoto franzino passou para os titulares e nunca mais saiu do time. No começo, seu jogo era bastante criticado: "Ele não sabe avançar", diziam. Mas o Saci, sempre bom defensor, seguiu seu ritmo, manso, humilde. No campo, maravilhava a torcida com seus desarmes e carrinhos perfeitos, sem jamais atingir o adversário. Mas, fora, sempre foi prejudicado pelo presidente Vicente Matheus. "Era um sufoco; eu entrava na sala dos 'homens' e já ficava apavorado." Claro, as propostas eram sempre aviltantes. Mas, arrimo de família (pai e seis irmãos), ele acabava aceitando, sem com isso diminuir sua dedicação em campo. Sofreu muito com a perda do título de 1974 e foi um dos melhores na conquista de 1977. De preparo físico privilegiado, faltou a apenas dois treinos em sua carreira — um por problemas de coluna, outro por estar com conjuntivite — e jogou mais de três anos seguidos sem perder uma partida, para desânimo de seus reservas. Virou líder. Sério, culto, capitão do time e presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo. Hoje, com 30 anos (ele é de 29/9/54), ainda sua a camisa pelo Corinthians, fazendo jogadas espetaculares, como o gol de bicicleta, em 83, contra o Tiradentes. ▷

LEMYR MARTINS

Rivelino: tricampeão mundial, gênio, temperamental, craque acima de tudo

Deus ou diabo? Herói ou vilão? Para Roberto Rivelino, o garoto simples que chegou ao Parque São Jorge na década de 60, as críticas sempre foram radicais. Apresentou-se como Maloca, dizendo que jogava no Palmeirinha de Vila Guarani e queria tentar a sorte. Em 1965, estreava no time oficial já como uma nova esperança.

Rivelino era um temperamental. Na história do clube, poucos conseguiram reunir tanta criatividade, habilidade e potência de chute. Para a torcida, era perfeito. Para os companheiros, nem tanto. Diziam que Rivelino os intimidava com seus gritos. "É que cobravam tudo dele", depôs o técnico Osvaldo Brandão. "Se o time ia bem, era por causa dele. Se ia mal, também."

Rivelino começou a ser lembrado para a Seleção Brasileira em 1968. Foi tricampeão em 1970 e seu chute ganhou dos mexicanos um apelido: Patada Atômica. No Corinthians, sua situação era a mesma: crucificado nas derrotas, endeusado nas vitórias. Em 1974, conheceu a pior fase de sua carreira, chegando a ser escorraçado pela torcida corintiana, que lhe atribuiu a pecha de covarde. Foi para o Fluminense, em 1975. Em 1978, quando completou 122 partidas pela Seleção, o príncipe Khaled Bin Yazid Bin Abdulah Al Saud o contratou para jogar na Arábia, no time do El Helal. Voltou de lá faz pouco e ainda joga sua bolinha em times de veteranos. Frustração? "Não, o que Deus traçou eu cumpri", acostumou-se a repetir o Reizinho do Parque, uma cicatriz aberta na alma corintiana.

COM SUA roupa preta e sua agilidade infernal, Tuffy Neugen, no gol, virava o Satanás. De barba, ou com imensas costeletas, agarrava todas e era uma figura impressionante. Nasceu em 1899, em Santos. Com nove anos, jogou no infantis do Cruzeiro do Sul e, aos 18, foi o goleiro do segundo quadro da A.A. Palmeiras. Já na equipe principal, fez uma excursão a Pernambuco e ficou. Foi campeão pelo América do Recife, mas não esquentou o lugar. Transferiu-se para o Pelotas (RS), vindo depois para o Sírio (SP), quando jogou na Seleção Brasileira que disputou o Sul-Americano de 1925, em Buenos Aires. Em 1927, passou para o Santos. Mas foi eliminado, nesse mesmo ano, depois dos incidentes ocorridos na final do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, em São Januário, quando impediu, junto com outros paulistas, que os cariocas batessem o pênalti marcado pelo juiz Ary Amarante. Genioso, Tuffy não aceitou o perdão do clube, que veio na seqüência, e trocou a Vila Belmiro pelo Parque São Jorge. Foi um dos heróis do jogo contra o Bologna, da Itália (Corinthians 3 x 1), e, com Grané e Del Debbio, formou um trio famoso. A lenda do Satanás ganhou mais força quando se tornou tricampeão pelo Corinthians (1928, 29 e 30). Mas, aí, o aventureiro Tuffy pendurou as chuteiras e foi ser gerente do mais luxuoso cinema da época: o Rosário, no Edifício Martinelli.

Tuffy, o Satanás: tricampeão em 1928, 29 e 30

FOTOS ABRIL

Luizinho: 589 jogos com a marca da irreverência

QUANDO o Pequeno Polegar entrava em campo, com os calções enrolados para não cobrir os joelhos, a torcida delirava. O moleque Luizinho, o miúdo Luiz Trochillo, o herói do Corinthians em 1949, adorava. Gostava de implicar com o meio-campo do Palmeiras, Luis Villa, chegando até a sentar na bola só para expor o gringo ao ridículo. Baixinho folgado! Vivia aprontando, apanhando, levando cacete, voltando. Sempre acenando com a mão, chamando o adversário para tomar outra. A torcida adorava. E se fartou com o número de vezes que ele entrou em campo: 589 jogos pelo Corinthians, o jogador que mais vezes defendeu o time. Em 1953, foi o melhor craque em campo durante a Pequena Taça do Mundo, em Caracas. Em Montevidéu, foi o autor do único gol feito contra a Argentina, no Estádio Centenário. Em 1956, no Pacaembu, deu um baile na Tchecoslováquia (4 x 1), enlouquecendo os europeus com suas manhas. "Teve um momento em que eu e Zizinho fizemos oito passes sobre a cabeça de um zagueiro altão. Parecia uma rede de pingue-pongue."

Baixinho valentão! Acabou brigando com o técnico Sílvio Pirillo, que liberou seu passe, dispensando-o. Ficou revoltado. Aquilo era ingratidão. Foi jogar no Juventus dizendo que ainda iam sentir sua falta. Adivinhou. Em 1964, a equipe do Parque São Jorge o chamava de volta. Luizinho voltou. Com a injustiça reparada. Mas já estava pronto para pendurar as chuteiras. Molecagem. ▷

FOTOS ABRIL

Neco: deu 17 anos ao time, um recorde de amor

"Tira a cinta, Neco!", pedia a torcida. Manoel Nunes, o Neco, punha a mão na cintura, fazia um gesto ameaçador e encarava o adversário. Mas a cinta ficava no lugar. O gesto era só para intimidar. Uma vez, no Rio, chegou a correr atrás do centromédio Nascimento da Seleção Carioca. Mas, quando o alcançou, a raiva já havia passado.

Desde que chegou ao clube, em 1913, até o dia em que pendurou as chuteiras, em 1930, Neco foi líder incontestável. Com ele, não havia derrota. E, mesmo quando o jogo estava perdido, não deixava de chamar os companheiros à luta. Dizia que jogava por amor e não por dinheiro. E, por amor ao Corinthians, perdeu muitos empregos. Em compensação, ganhou o carinho da torcida, orgulhosa da bravura de seu ídolo. Foi o jogador que permaneceu mais tempo no time (17 anos), sendo oito vezes campeão paulista (1914, 16, 22, 23, 24, 28, 29, 30). Teve 15 participações na Seleção Brasileira e foi bicampeão brasileiro interseleções defendendo São Paulo. Muitos anos depois, ganhou uma estátua no Corinthians — o único jogador a ter esta honra. E, até hoje, os funcionários do Parque São Jorge vivem contando aos mais jovens sua história. "Tira a cinta, Neco!"

De 1944 a 1958, o Corinthians teve dois técnicos: um sentado no banco e o outro dentro do campo. Era o Gerente, com apenas 1,62 m de altura, o maior ponta-direita que o Corinthians já teve. Seu nome: Cláudio Christovam Pinho. Seu feito: 295 gols marcados, o maior número da história do Timão.

Cláudio foi um líder nato. Comandou com segurança e jogou com perfeição. Seu drible curto e rápido e seus centros dados com precisão milimétrica jamais serão esquecidos. Nem sua coragem. No jogo contra o Peñarol, na II Taça Rio, depois de os uruguaios terem massacrado Murilo e Baltazar — eles tiveram de deixar o campo de maca —, Cláudio praticamente se ofereceu como alvo. Depois de fazer um gol de pênalti, esticou a canela e foi encaçapado na entrada da área. Falta. A bola foi de trivela e balançou a rede. O Corinthians venceu e o herói foi Cláudio.

Campeão da Copa Rio Branco, em 1947, e campeão sul-americano em 1949, seu maior sonho era disputar a Copa do Mundo. Mas não foi convocado. Em 1956, foi promovido a técnico e, pouco depois, demitido sem explicações. Encerrou a carreira no São Paulo, mas continua campeão. É o melhor jogador de tamboréu de praia, em Santos, onde mora.

Cláudio, o Gerente: um recorde de 295 gols

A BOLA podia vir na altura que viesse. De costas para o gol, o mulato magro virava o corpo, enganava o zagueiro e mandava ver. "Gol de Teleco!" Por 243 vezes em 234 partidas, a torcida corintiana deixou no ar este grito. O paranaense Uriel Fernandes — Teleco para todos — foi o centroavante que mais gols marcou para o Corinthians. Chegou no clube em 1934, assumindo de cara a rivalidade com o Palestra, depois de o goleiro Nascimento ter passado todo jogo provocando-o. E era seu primeiro jogo no time. O Corinthians ganhou (1 x 0), mas ficou a bronca.

Teleco ganhou para o Corinthians os campeonatos de 1937, 38, 39 e 41. Em 1937, na decisão contra o Palestra, jogou contundido. Mesmo assim, seu gol valeu o título. Ainda em 1937, chegou a ser escalado para integrar a Seleção Brasileira na disputa da Taça Roca, mas não foi por falta de passaporte. Irmão de King, na época o goleiro do São Paulo, Teleco encerrou sua carreira em 1944. Hoje, é funcionário do clube e cuida da sala de troféus com a intimidade de um dono. ▷

Teleco: um recorde entre todos os centroavantes

AS 44 VOZES DE COMANDO DO TIMÃO

Nos 74 anos de vida do Corinthians, seus vários times tiveram a tática e a estratégia em campo definidas por 44 homens.

Entre tantos nomes, destaca-se naturalmente o de Osvaldo Brandão, que esteve no comando técnico em cinco ocasiões diferentes. São da gestão do velho disciplinador as conquistas mais significativas da história recente do alvinegro: os títulos de campeão paulista no ano do IV Centenário da Cidade de São Paulo, em 1954, e de 1977, quando se interrompeu a dolorosa série de 23 anos de jejum.

Com o técnico Duque, em 1976, o Corinthians obteve sua melhor classificação a nível nacional: vice-campeão.

Eis nossos técnicos:

1910/11 — Rafael Perrone
1912/14 — Casimiro González
1915/20 — Amílcar Barbuy
1921/25 — Guido Giacomelli
1926/28 — Ângelo Rocco
1929/31 — Virgílio Montarini
1932/34 — José de Carlo
1935/36 — José Foquer
1937/39 — Antônio Pereira
1940/42 — Del Debbio
1943/45 — João Chiavone
1946/47 — Triger
1948 — Gentil Cardoso
1949/50 — Joreca
1951 — Newton
1951/54 — Rato
1954/58 — Osvaldo Brandão
1959 — Sílvio Pirilo
1960/61 — João Lima
1961 — Jim Lopes
1961 — Alfredo Ramos
1961/62 — Martim Francisco
1962 — Fleitas Solich
1963 — Roberto Belangero
1964 — Paulo Amaral
1964/65 — Osvaldo Brandão
1965 — Filpo Nuñez
1966 — Zezé Moreira
1967/68 — Lula
1968 — Osvaldo Brandão
1968 — Aimoré Moreira
1969/70 — Dino Sani
1971 — Aimoré Moreira
1971 — Francisco Sarno
1971 — Baltazar
1972 — Francisco Sarno
1972 — Luizinho
1972/73 — Duque
1973/74 — Iustrich
1974 — Sílvio Pirilo
1975 — Mílton Buzetto
1976 — Duque
1977/78 — Osvaldo Brandão
1978/79 — José Teixeira
1979/80 — Jorge Vieira
1980 — Julinho
1980 — Orlando Fantoni
1980/81 — Osvaldo Brandão
1981 — Julinho
1981/83 — Mário Travaglini
1983 — Zé Maria
1983/84 — Jorge Vieira
1984 — Hélio Maffia
1984 — Jair Picerni

ABRIL

Servílio, o Bailarino: botando na roda os adversários

O BAIANO Servílio de Jesus era tão elegante que ficou conhecido como o Bailarino. Era um passo para cá, dois passos para lá, dois para frente, dois para trás, mais uma finta, e a bola e o adversário faziam-lhe par — bem a contragosto —, no bailado humilhante que ele impunha e, não raras vezes, terminava em gol.

Um estilo aparentemente lento (quem viu não esquece suas passadas harmoniosas), mas que na verdade era uma forma de armazenar energia, cultivado desde os tempos do Galícia, da Bahia, onde se tornou famoso por seu chute rápido e seco ao gol. Bigode fino, tranqüilo, logo que chegou ao Corinthians, em 1938, foi mostrando o que sabia. Foi campeão paulista no mesmo ano, repetindo a dose em 1939 e 41. Foi campeão da Quinela de Ouro e da Taça São Paulo, em 1942. Jogou na Seleção Paulista 14 vezes e seis na Seleção Brasileira, estas valendo pelos campeonatos sul-americanos em Montevidéu e Santiago.

Apesar de ser antes de tudo um preparador de jogadas — que o diga Teleco —, Servílio, já no fim de carreira, conseguiu ser artilheiro do Campeonato Paulista de 1945, 46 e 47, anos em que os títulos minguaram no Parque São Jorge. Na verdade, ele representou o elo entre duas gerações de sucesso. A primeira representada por Jango, Brandão e Teleco, e a segunda por Cláudio Christovam Pinho e Baltazar.

Quando saiu do Corinthians, em 1948, sua "coreografia" estava mais lenta. A cabeça erguida, porém, demonstrava que só os músculos estavam cansados. A vontade de bailar era a mesma, só que pouco competitiva. O gostoso mesmo era dar os passos: um para cá, dois para lá... □

GANHE MAIS DINHEIRO

estudando por correspondência nas

ESCOLAS ASSOCIADAS

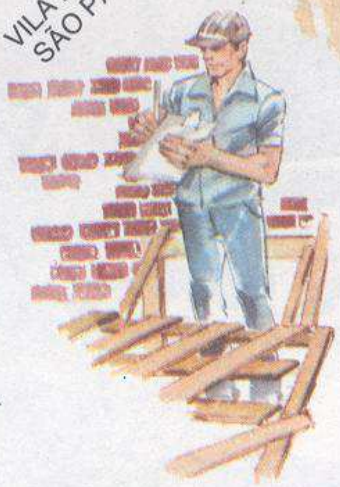
CAIXA POSTAL 19155
CEP 01000
VILA NOVA CONCEIÇÃO
SÃO PAULO - CAPITAL

APRENDA A
FOTOGRAFAR E REVELAR
COLORIDO/PRETO E BRANCO

Um curso prático, dinâmico e atualizado destinado a todos os que desejam aprender os segredos de FOTOGRAFIA preto/branco e colorida e as técnicas de revelação. Ensinamos também a copiar fotografias a cores no papel.
Você aprenderá a montar o seu próprio laboratório para que possa trabalhar em sua casa e ganhar mais dinheiro nas horas de folga, sem emprego de capital, e ainda mais, receberá toda a orientação técnica necessária e inúmeras "dicas" práticas que facilitam o seu aprendizado.
GRÁTIS: Uma máquina fotográfica e laboratório para revelar.

VIOLÃO E GUITARRA

Nosso curso oferece oportunidade a todos que desejam "TOCAR" e ganhar muito dinheiro. Gradativamente, você dominará este instrumento e aprenderá tudo sobre tonalidades, acordes, posições e ritmos. E ainda receberá um caderno de músicas clássicas e populares para acompanhar e fazer muito sucesso. GRÁTIS: Material ilustrado para seu aprendizado.



MESTRE DE OBRAS
(EDIFICAÇÕES)

Eis aí sua grande oportunidade para obter um alto rendimento e uma profissão que garantirá êxito em sua vida. Em poucos meses, será um profissional competente. Não perca tempo. Faça hoje mesmo sua matrícula.

RADIOTÉCNICO
TRANSISTORES E TELEVISÃO
PRETO E BRANCO/COLORIDO

Estamos na era das comunicações e isso torna qualquer atividade do setor um excelente campo profissional. Por isso, nós ensinamos você a consertar, montar e fazer seus próprios aparelhos; tudo sobre receptores de rádio e televisão, transistores, amplificadores, receptores de AM e FM, caixas acústicas, etc. Este curso está todo ilustrado e você poderá, em sua própria residência, montar uma oficina para garantir-lhe uma profissão liberal e ter mais lucros em pouco tempo. GRÁTIS: Um "Kit" completo para montar um rádio AM, mais soldador, solda e Chave-de-fenda.

OUTROS CURSOS QUE MANTEMOS:

- CONTABILIDADE PRÁTICA – ASSISTENTE CONTÁBIL
- PRÁTICO PERFUMISTA
- DESENHO ARTÍSTICO E PUBLICITÁRIO
- BELEZA DA MULHER MODERNA
- AR CONDICIONADO E REFRIGERAÇÃO
- RELOJOEIRO TÉCNICO
- TÉCNICO EM INSTALAÇÕES HIDRÁULICAS E SANITÁRIAS
- COMPUTAÇÃO ELETRÔNICA
- PINTURA DE IMAGENS
- SUPLETIVO DO 1º GRAU
- MONTAGEM DE RÁDIO E TV
- AGROPECUÁRIA
- CORTE E COSTURA
- ELETRICIDADE
- INGLÊS COM FITAS
- AUXILIAR DE ENFERMAGEM (AMBOS OS SEXOS)
- JORNALISMO

Solicite AINDA HOJE o Catálogo Ilustrado de nossos Cursos

GRÁTIS: MATERIAL COMPLETO PARA O APRENDIZADO.

PL / P 13

ESTE É SEU

ESCOLAS ASSOCIADAS – Caixa Postal: 19155
CEP 01000 - Vila Nova Conceição - São Paulo - Capital
Peço enviar-me, gratuitamente, informações sobre o Curso
(Indicar o desejado) .....
Nome .....
Rua ..... Nº. .....
CEP. ..... Bairro ..... C. Postal .....
Cidade ..... Estado .....

PL / P 13

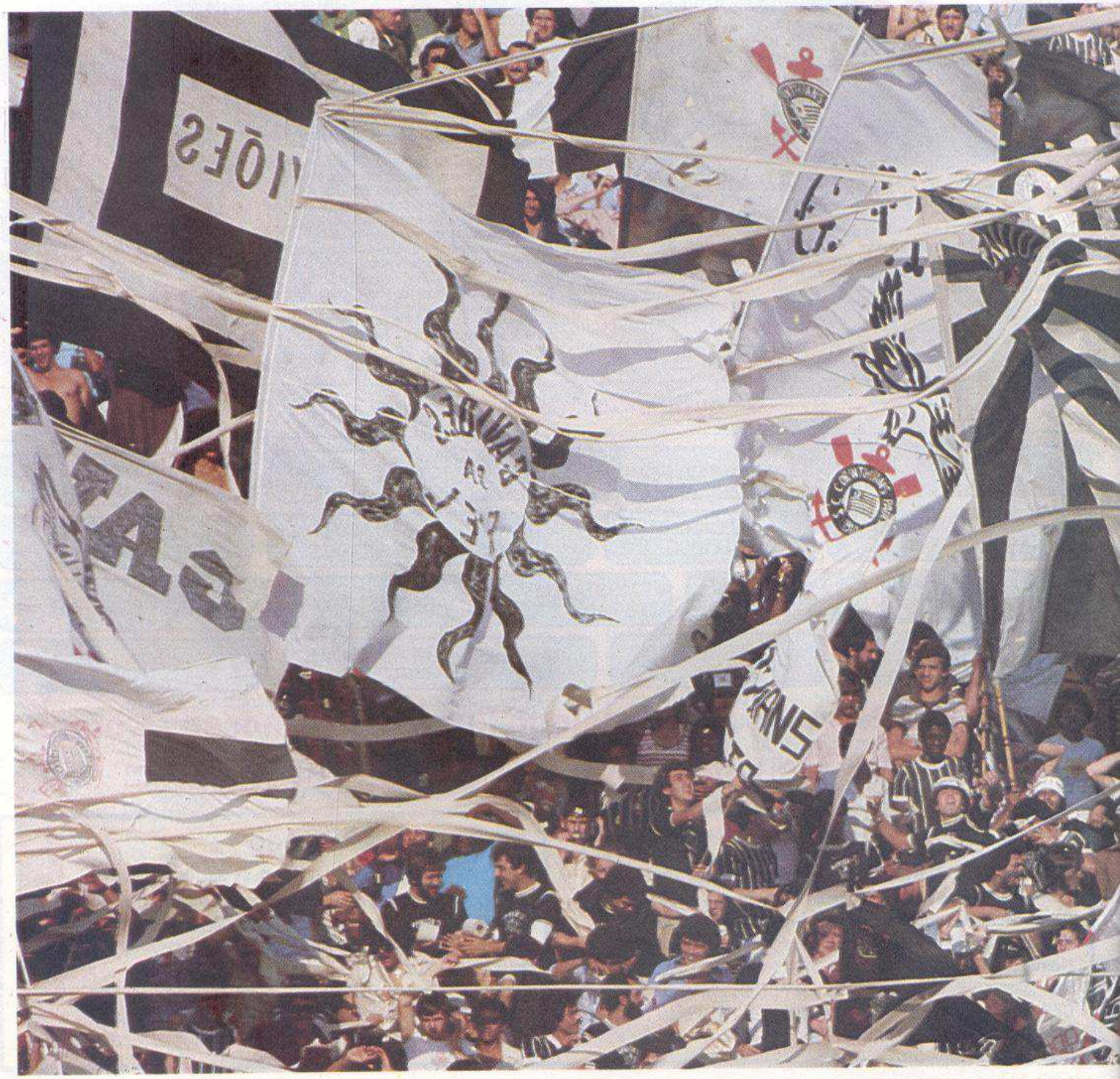
ESTE É PARA SEU AMIGO

ESCOLAS ASSOCIADAS – Caixa Postal: 19155
CEP 01000 - Vila Nova Conceição - São Paulo - Capital
Peço enviar-me, gratuitamente, informações sobre o Curso
(Indicar o desejado) .....
Nome .....
Rua ..... Nº. .....
CEP. ..... Bairro ..... C. Postal .....
Cidade ..... Estado .....

AINDA MAIS: CARTEIRA DE ESTUDANTE E ATESTADO DE CONCLUSÃO NO FINAL DO CURSO, GRATUITAMENTE

"É O MAIOR!"

Há quem duvide, mas isto é problema deles. Para o corintiano não existe nada além do Corinthians — um estado de espírito



UNS ENTRAM de peito aberto nas batalhas campais, outros suspiram solitários e até se negam a conversar depois de uma derrota, caindo num silêncio doído. Muitos mergulham suas mágoas e alegrias num copo cheio enquanto outros só conseguem a paz depois de pagar promessa numa igreja ou de entregar a oferenda ao babalaô. São os corintianos. Uma nação cujo território ultrapassa as fronteiras do clube e se estende por todo o Brasil. Em 1983, uma pesquisa do Instituto Gallup (publicada por PLACAR n.º 684) dizia que, só em São Paulo, o número aproximado de fiéis à religião corintiana era de 2,880 milhões. Ou seja: a segunda maior torcida de time brasileiro, só perdendo para a do Flamengo.

ABRIL

Segunda? Os mais fiéis se recusam a aceitar. Como a torcedora-símbolo do clube, Elisa Alves do Nascimento. "Não acredito que exista outra torcida como a do Corinthians. Somos superiores em qualidade. Temos mais amor. O Corinthians está logo depois de Deus, né?" Elisa tem 75 anos, a memória já um pouco fraca para lembrar os nomes dos jogadores. Mas a fé é a mesma, desde 1929, quando fez do clube sua paixão, desobedecendo às proibições do marido para que não fosse aos jogos e enfrentando bravamente os 23 anos sem títulos.

E os Gaviões da Fiel? Torcida organizada e uniformizada, eles surgiram em 1969, revoltados com os desmandos do presidente Wadih Helu, e hoje são mais de 10 000. Apaixonados, capazes de chegar a extremos, como chegou Wanderlei, um deles. O Batata não agüentou o baque de uma derrota e tomou um copo cheio de cerveja com soda cáustica. Não morreu, mas passou perto. E sua história é apenas uma entre as muitas que formam o folclore desta torcida.

O JOGADOR profissional de carteado Júlio Toledo, também da confraria dos Gaviões, expressa seu fanatismo de modo proverbial: "Dor maior que a perda do título em 1974, só tive com a morte de meu avô". Júlio tem ódio do Palmeiras. Não sabe explicar por que tanta rivalidade, mas nem se preocupa com isso. "Está no sangue", diz. E reconhece que o rancor é grande. Nem verdura come, pois as folhas trazem a marca do inimigo. "Verde, pra mim, só papel higiênico e lenço", responde, provocador.

Dom Paulo Evaristo Arns, o arcebispo de São Paulo, por certo não aprova o radicalismo de Júlio. Mas, como bom corintiano, não esconde sua antipatia pelo Palmeiras, apesar de toda sua sutileza: "Todos os clubes são bons, meu filho", disse um dos representante de Deus aqui na Terra, em 1982. "Só acho que alguns, como o Palmeiras, poderiam dar mais alegria a sua torcida."

Mas, quando o assunto é o arqui-rival, a sutileza pára aí, no clero. Os Gaviões, por exemplo, nunca ouviram falar dela. Véspera de jogo contra o Palmeiras é dia de não fazer outra coisa senão arquitetar um meio de irritar o inimigo. Para isso, aliás, é que o "Departamento dos Suínos" existe. São to- ▷

dos jovens, sempre com a mesma missão: a de entrar clandestinamente no estádio com os leitões, para depois soltá-los no gramado, a fim de "embelezar o espetáculo". O pior é que a provocação sempre consegue o efeito desejado, pois os palmeirenses *odeiam* o título de porcos.

Bem, diante disso, só se pode concluir que a convivência entre palmeirenses e corintianos é inviável.

"Que nada!", admite o comerciário Claudionor Arantes Ramos. "Eu os aturo, e não sei se saberia viver sem eles."

Violonista nas horas vagas, Claudionor freqüenta o Bar da Hora, no Ipiranga. Lá, ele recorda os feitos de seus jogadores prediletos e proclama as virtudes do clube.

"É o maior, e acabou", costuma dizer, quando já não tem mais argumentos, para encerrar a discussão. Jamais acredita na derrota e, rádio colado ao ouvido, ele acompanha todo o jogo para, depois, ver os teipes na televisão. Mesmo na derrota. "Não é masoquismo, não", argumenta, "é só para ver as falhas."

LEMYR MARTINS

A bênção de dom Paulo Evaristo, cardeal Arns

RONALDO KOTSCHO

Para os inimigos, nem justiça

Fanatismo?

"Não, paixão" declara o médico pediatra Moacir Parra. Em seu consultório (São Caetano do Sul), ele costuma manter-se imparcial, tratando bem a todos, dando muito carinho às crianças. Mas não tenha dúvida: se aparecer um corintianinho, o "tio", sem dúvida, vai dar uma caprichada. E esticar mais o papo, ensinando ao guri a escalação do time enquanto tira do bolso uma balinha. Para seus clientes, nenhuma surpresa: ao chegarem ao consultório, eles já sabem com quem estão lidando. Na entrada, existe um penico com o distintivo do Corinthians, uma bandeira e vários certificados de batismo. São de seus afilhados, todos possuidores de um uniforme do Timão — o presente predileto do padrinho.

Ayrton Senna, o piloto, é outro maníaco. Pegou a "doença" do avô e hoje, mesmo estando em Nürburgring, Paul Ricard ou Monza, recebe informações de seu Corinthians pelos jornalistas que acompanham a Fórmula 1 e por telefonemas de amigos e familiares.

Outro torcedor muito bem-informado é Euclides Barbosa. Seus informantes, no entanto, renegam os fatos presentes em favor do futuro. São espíritos, que Euclides — ou melhor, Pai Jaú, devoto de Ogum e filho de Xangô — costuma receber. Corintiano fanático, Pai Jaú, 75 anos, é o mesmo Jaú que ajudou o Corinthians a conquistar o campeonato de 1938. Um craque que jogou em vários times paulistas.

Mas Pai Jaú, negro ainda forte, não gosta de prometer vitórias antecipadas. Guarda tudo para ele, mudo, e não dá nenhum palpite. Nas vésperas de jogo, procurado por muitos, costuma aconselhar: "É preciso ter fé. Se nossos jogadores tiverem mais amor na camisa que os outros, estamos bem".

Chico Mendes, um dos mais antigos torcedores da Fiel, concorda: "Ele está certo. Só

com amor à camisa é que conseguimos alguma coisa". Chico, um "mosqueteiro" como poucos, nunca admitiu que duvidassem de sua paixão pelo alvinegro. Por causa dela, desistiu do amor da moça com quem ia casar-se. Perdeu também muitas noites de sono e uma quantia incalculável de dinheiro em charutos. Chico fuma seguidamente e, durante o jogo, o charuto passeia em sua boca, bamboleando de um lado para o outro. Foi assim que assistiu à conquista do título do IV Centenário de São Paulo, dentro do campo do Pacaembu. Quando o jogo acabou, mandou sair os carros alegóricos, que tinha escondido atrás da concha acústica, e deu início à festa. Um delírio, regado a caixas e caixas de charutos.

Afinal, que impulso é este que leva uma pessoa a viver em função de um time de futebol?

"E a gente lá sabe?", responde Dona Sara, Sara Rodrigues, 72 anos. Com toda sua idade, sua pele enrugada, seus cabelos brancos, ele vira uma menina nas arquibancadas dos estádios quando o Timão joga. Dona Sara faz parte de uma das muitas torcidas uniformizadas — a Garra Corintiana — e dá um banho de energia nos mais jovens. Samba, xinga o juiz, toma caipirinha, enfim, faz coisas pouco habituais a uma viúva. E adora. Costureira e moradora do Bixiga, ela abomina a idéia de ir para um asilo e ficar à margem dos acontecimentos. "E não me venham dizer que os corintianos são alienados."

É VERDADE. Por escaparem às teorias de psicólogos, sociólogos e autodidatas de todos os matizes, os corintianos sempre foram tratados pela elite como um bando de alienados. Mas os fatos estão aí para provar o contrário. As primeiras faixas pedindo anistia aos presos políticos e, depois, eleições diretas foram abertas em estádios por torcedores alvinegros, numa demonstração evidente do sentimento que une o homem do povo à alma corintiana. Quando os jogadores entraram em campo, para disputar o título de 1983, exibindo uma faixa com os dizeres "Perder ou ganhar, mas sempre com democracia", estavam valorizando o projeto implantado no futebol — que dá direito de participação dos jogadores no departamento — mas iam também de encontro aos anseios de gente simples como Dona Sara, Claudionor, o velho Jaú e todos os da Gaviões da Fiel.

SÉRGIO BEREZOVSKY

Ayrton Senna: paixão de avô para neto

IRMO CELSO

Sócrates, Rita Lee, Wladimir e Casagrande

"Como o povo brasileiro, a comunidade corintiana está à frente de um desafio estimulante: garantir a conquista e preservar a democracia", disse o governador do Estado de São Paulo Franco Montoro, também corintiano. Palavras semelhantes são ditas pelo ex-presidente Jânio Quadros — que atualmente se dedica a pintar quadros inspirados em seu time — e pela nossa maior roqueira, Rita Lee. Não fosse o Corinthians, na certa seria difícil estabelecer qualquer coisa comum entre eles. Mas o alvinegro está lá, irmanando todos eles. Pela fé. E isto basta. □

DEPOIMENTO

TOQUINHO

"NOSSO CORAÇÃO BATE MAIS RÁPIDO"

Um rosto famoso na multidão dos torcedores alvinegros, o cantor e compositor só encontra esta explicação para tanto amor

"MINHA ligação com o Corinthians é umbilical. Nasci em 1946, no bairro do Bom Retiro, berço do Corinthians. Cresci na Rua Anhaia, joguei bola no time do Sul-Americano e no Nacional, e com cinco anos já freqüentava o Parque São Jorge. Meu pai era sócio remido do clube e me levava para atrapalhar os passos dos ídolos da época. Um garoto a mais para perturbar Baltazar, Gilmar, Cláudio Christovam de Pinho, Carbone e Luizinho. E ainda tenho as fotos que tirei com eles.

NELSON COELHO

Do gostar do Corinthians até a coisa virar paixão, o processo é rápido. Quando me perguntam por que Corinthians, se sou descendente de italianos — meu nome é Antônio Pecci Filho —, minha justificativa é esta história que contei aí em cima. Mas a verdade é que nada explica a emoção de ver aquelas camisas brancas e calções pretos entrando em campo. É uma relação neurótica, "amor de supermãe" — como Vinicius falava —, amor que mata. E tudo se resume em emoção, um sentimento que na torcida do Corinthians não é particular. Existe uma solidariedade que deixa realmente para trás as diferenças sociais. Por exemplo: sempre gostei de ter um Mercedes. E seria natural que, ao ultrapassar um caminhão, meu carro deixasse o pessoal meio retraído, por motivos óbvios. Mas eles me conhecem como corintiano e a gente se cumprimenta, troca acenos. Se parássemos na estrada, certamente não faltaria assunto. Logo iríamos relembrar a emoção do gol de Luizinho contra o Palmeiras, que nos deu o título do IV Centenário de São Paulo. Ou o gol de Paulo, em 1957, quando precisávamos apenas do empate contra o Santos para conquistar a Taça dos Invictos. Eles estavam ganhando de 3 x 2 e já estava no final do jogo quando empatamos.

Para os corintianos, o que não falta é assunto. Acho que somos diferentes dos outros torcedores. Talvez não tão melhores, mas diferentes. Quem agüentaria com tanta dignidade aquela fila de 23 anos, aquelas gozações, o período em que o time era chamado de Faz-me-rir? E, no entanto, a paixão pelo time só cresceu, se alastrou.

Os psicólogos tentam explicar o fenômeno e não conseguem. Outros caracterizam o Corinthians como uma religião, uma coisa maior e que só existe por causa da fé. Fico com esta explicação. Só ela me dá uma noção do porquê da tristeza de um torcedor que vi depois da derrota para o Palmeiras, na final do campeonato de 1974. Eu estava nas

numeradas do Morumbi e faltavam uns 5 minutos para a partida acabar. Eles já ganhavam de 1 x 0 e o desespero do nosso time era impressionante. De repente, apareceu um baita crioulo atrás de mim. Estava com lágrimas nos olhos e, como o resto do estádio, silencioso. Nunca vi uma expressão tão triste de dor, dor mesmo. Jamais esqueci o crioulo. Como seria bom ter conseguido a vitória naquele dia... Na minha opinião, inclusive, isso teria evitado a grande injustiça que fizeram com Rivelino. Ele foi uma vítima, um bode expiatório do Vicente Matheus. Não teve culpa da derrota. Pelo menos, não mais que os outros.

Infelizmente, tive que torcer contra Rivelino na semifinal do Campeonato Brasileiro de 1976. Aquele jogo — Corinthians x Fluminense — foi a redenção. Dele é que tiramos força, vimos que podíamos enfrentar qualquer clube. Eu nem quis olhar quando Zé Maria bateu o pênalti da vitória. Estava fazendo um show com Simone, no Tuca, e vi o jogo pela televisão. Naquele dia, entrei no palco com a camisa número 7 do Corinthians e, como sempre, a platéia se dividiu: uns vaiando, a maioria aplaudindo.

Isso aconteceu várias vezes, aliás. Mas nunca, eu acho, com tanta tensão como em 1977. Para definir a conquista do campeonato, só tenho uma palavra: sofrimento. Mas fomos grandes, é verdade. Como sempre. A vibração estava no ar há muito tempo. Quanto a gente sonhava com aquilo... De repente, caiu o mundo: gol de Basílio! Vou lá saber o que fiz depois? Só sei que me deu vontade de compor um hino para o clube. Eu queria mostrar a filosofia do torcedor e acabei gravando o hino com o próprio Sócrates. Tem um trecho, nele, que resume tudo: *És grande no esporte bretão/O passado ilumina sua história/Corinthians do meu coração/Vitória, vitória, vitória!/Corinthians do meu coração./És grande de janeiro a janeiro/Ser corintiano é ir além, de ser ou não ser o primeiro...*

"Só sei que me deu vontade de compor um hino para o clube. Eu queria mostrar a filosofia do torcedor e acabei gravando o hino com o próprio Sócrates: *És grande no esporte bretão/O passado ilumina a sua história/ Corinthians do meu coração...*"

Esta última frase é uma verdade. Independente de o time ser vencedor ou não, sempre haverá a figura do brigador.

Gozado é que, antigamente, eu tinha alguns preconceitos. Não gostava de quem não gostasse de futebol. Não passava pela minha cabeça que alguém, um ser verdadeiramente humano, pudesse não ser um peladeiro. Que diabo! Um cara que você convida para bater uma bolinha, dar uns chutes, responder que não gosta, não pode, sei lá o quê. Só pode ser um cara problemático. No mínimo, um chato. Depois, fui superando o preconceito, mas ainda hoje relaciono gente boa com futebol. Toda terça-feira, quando estou em São Paulo, jogo bola. Meu time é o Namorados da Noite e está numa bela fase. Claro, não tanto quanto o Corinthians, que, ao levantar a bandeira da democracia, representou o sentimento do povo brasileiro.

Agora, torço na Itália para a Fiorentina, uma concessão que meu corintianismo faz para o Doutor Sócrates. Ele foi a alma da irmandade que nos deu os campeonatos de 1979, 82 e 83. Impressionante é que, no começo, ele andava frio, não tinha assimilado o Corinthians como Zé Maria e Wladimir, já veteranos e completos na doutrinação. Depois, não. Ele encarou a barra de ser ídolo da torcida mais carente e, ao mesmo tempo, mais carinhosa do mundo. Assumiu tudo isso e mostrou sua genialidade. Foi embora, mas deixou sementes e se transformou num corintiano. Seu mérito maior foi renovar nossa emoção. O Corinthians, com ele, mudava a análise anterior dos jogos. O outro time podia estar até melhor. E daí? O imponderável, às vezes, era maravilhoso. De repente, uma jogada brilhante, um chute de fora da área, e pronto. Tenho saudades do Magrão. Nem tanta, porque o próximo campeonato vai ser nosso, sem dúvida. Já imagino que estamos na final e sou corintiano. Sinto-me um garoto, o coração batendo rápido. É isso aí, o Corinthians é um coração batendo rápido." □

A FORÇA ALVINEGRA

Todas as conquistas do Corinthians, ano a ano. Esse "filme" começa na Primeira Guerra Mundial e não tem data para terminar

1914

Campeão invicto. Participantes: Corinthians, Lusitano, Minas Gerais, Campos Elísios, Hydecroff e Germânia. *Time-base:* Sebastião, Fúlvio, Casemiro, Pollice, Bianco, César, Américo, Peres, Amílcar, Aparício e Neco. O campeonato foi pela Liga Paulista. *Artilheiro:* Neco, 12 gols.

1916

Campeão invicto. Participantes: Corinthians, Germânia, Internacional, Americano, Ítalo, Campos Elísios, Atlético Vicentino, Aluminy, União Lapa, Maranhão, Lusitano, Minas Gerais, Paissandu e Ruggerone. *Time-base:* Sebastião, Fúlvio, Casemiro, Pollice, Plínio, César, Américo, Fiu, Amílcar, Aparício e Neco. *Artilheiro:* Aparício, 7 gols.

1922

Campeão. Time-base: Mário (Xororó), Rafael, Del Debbio, Gelindo, Amílcar, Ciasca, Peres II, Neco, Gambarotta, Tatu e Rodrigues. *Campanha:* 2 x 3, 1 x 0, Sírio; 2 x 2, 2 x 3, Palestra; 0 x 0, 6 x 3, A. A. Palmeiras; 5 x 0, Germânia; 4 x 0, 7 x 2, Minas Gerais; 9 x 0, Internacional; 9 x 0, Portuguesa; 6 x 2, Santos; 1 x 0, 7 x 0, São Bento; 3 x 2, 3 x 0, Ipiranga; 3 x 2, 2 x 0, Paulistano. *Resumo:* J, 18; V, 14; E, 2; D, 2; GP, 72; GC, 19; S, 53. *Artilheiro:* Neco, 24 gols.

1923

Bicampeão. Time-base: Colombo, Rafael, Del Debbio, Gelindo, Amílcar, Ciasca, Peres II, Neco, Gambarotta, Tatu e Rodrigues. *Campanha:* 2 x 3, 2 x 0, Sírio; 0 x 1, 4 x 0, Portuguesa; 4 x 1, Palestra; 3 x 0, 1 x 0, A. A. Palmeiras; 5 x 2, 4 x 0, Germânia; 2 x 0, 2 x 1, Ipiranga; 3 x 1, Santos; 9 x 0, Internacional; 6 x 1, 3 x 0, São Bento; 3 x 3, Minas Gerais. O Palestra recusou-se a jogar enquanto os outros foram eliminados. *Resumo:* J, 16; V, 14; D, 2; GP, 53; GC, 13; S, 40. *Artilheiro:* Gambarotta, 19 gols.

1924

Tricampeão. Time-base: Colombo, Grané (Del Debbio), Pinheiro (Rafael), Gelindo, Rueda, Ciasca, Peres II, Neco, Gambarotta, Tatu e Rodrigues. *Campanha:* 5 x 1, 4 x 1, Portuguesa; 3 x 2, Germânia; 6 x 2, Internacional; 7 x 2, A. A. Palmeiras; 2 x 0, 1 x 0, Ipiranga; 6 x 1, 0 x 2, Santos; 2 x 1, 6 x 3, Brás Atlético; 0 x 0, 0 x 2, São Bento; 0 x 1, 1 x 0, Paulistano; 0 x 2, 3 x 0, Sírio. *Resumo:* J, 17; V, 12; E, 1; D, 4; GP, 46; GC, 20; S, 26.

1928

Campeão. Time-base: Tuffy (Colombo), Grané, Del Debbio, Nerino, Soares (Sebastião), Munhoz (Rafael), Aparício, Neco, Gambinha, Rato e De Maria (Rodrigues). *Campanha:* 2 x 1, 3 x 2, Portuguesa; 4 x 0, 6 x 0, Sírio; 5 x 2, 5 x 2, Ipiranga; 3 x 1, 2 x 3, Santos; 5 x 1, 3 x 1, Guarani; 3 x 0, 0 x 0, Palestra; 1 x 1, 2 x 0, Com. R. Preto; *Resumo:* J, 14; V, 11; E, 2; D, 1; GP, 44; GC, 14; S, 30. *Artilheiro:* Gambinha, 16 gols.

1929

Bicampeão invicto. Time-base: Tuffy, Grané, Del Debbio, Nerino, Guimarães (Amador), Munhoz (Leone), Filó (Aparício), Peres III (Neco), Gambinha, Rato e De Maria (Rodrigues). *Campanha:* 3 x 2, Ipiranga; 5 x 2, Sírio; 7 x 0, Silex; 4 x 1, Santos; 2 x 0, Guarani; 7 x 1, Portuguesa; 4 x 1, Palestra. *Resumo:* J, 7; V, 7; GP, 33; GC, 7; S, 23.

1930

Tricampeão. Time-base: Tuffy, Grané, Del Debbio, Nerino (Leone), Guimarães, Munhoz, Filó (Napoli), Aparício (Neco), Gambinha, Rato e De Maria. *Campanha:* (*), 0 x 4, Palestra; 6 x 3, 7 x 0, América; 7 x 1, 4 x 0, Germânia; 3 x 2, 5 x 2, Guarani; 5 x 0, 1 x 2, Juventus; 3 x 1, 3 x 1, Portuguesa; 2 x 1, 1 x 1, São Paulo; 4 x 1, 7 x 1, São Bento; 2 x 0, 5 x 2, Santos; 4 x 2, 5 x 3, Sírio; 3 x 1, 1 x 1, A. A. Santista; 4 x 0, 8 x 0, Ipiranga; 2 x 2, 2 x 2, Internacional; (*) O Palestra abandonou o campo. *Resumo:* J, 26; V, 20; E, 4; D, 2; GP, 94; GC, 32; S, 62.

1937

Campeão. Time-base: José I (José II), Jaú, Carlos (Del Debbio), Jango, Brandão, Munhoz, Filó, Lopes (Carlito), Teleco, Daniel (Zuza) e Bruneli (Tedesco). *Campanha:* 5 x 0, Lusitano; 4 x 0, 0 x 0, Juventus; 3 x 1, Espanha; 1 x 0, 3 x 0, Est. Paulista; 2 x 2, 1 x 0, Santos; 6 x 2, S. Paulo Railway; 1 x 0, São Paulo; 1 x 2, 1 x 0, Palestra Itália; 3 x 2, 2 x 3, A. A. Portuguesa. *Resumo:* J, 14; V,10; E, 2; D, 2; GP, 33; GC, 12; S, 21. *Artilheiros:* Teleco, 15; Filó, 8; Daniel, 4; Carlito, 3; Bruneli, 2 e Lopes, 1.

1938

Bicampeão invicto. Time-base: José I (Barcheta), Miro (Espinafre e Lourenço), Carlos, Jango (Munhoz), Brandão, Tião (Gasparini), Lopes (Sebastião), Servílio (Daniel), Teleco (Umbigo), Carlinhos (Carlito) e Wílson (Carlinhos). *Campanha:* 0 x 0, A. A. Portuguesa; 2 x 2, Lusitano; 2 x 1, Espanha; 1 x 1, Palestra; 3 x 2, S. Paulo Railway; 2 x 1, Santos; 1 x 0, Juventus; 4 x 1, Ipiranga; 3 x 1, Portuguesa Desp.; 1 x 1, São Paulo. *Resumo:* J, 10; V, 6; E, 4; GP, 19; GC, 10; S, 9. *Artilheiros:* Teleco, 8; Lopes, 3; Servílio, Umbigo, Carlito e Carlinhos, 2.

1939

Tricampeão. Time-base: Barcheta (Joel), Jango, Carlos (Del Debbio), Sebastião (Peliciari), Brandão, Munhoz (Mário e Tião), Lopes, Servílio, Teleco, Joane (Wílson) e Carlinhos. *Campanha:* 6 x 0, 3 x 0, Juventus; 3 x 3, 1 x 0, Palestra; 4 x 0, 6 x 0, Espanha; 4 x 0, 4 x 0, Comercial; 5 x 1, 2 x 1, Ipiranga; 1 x 2, 1 x 0, São Paulo; 2 x 1, 5 x 1, Portuguesa Desp. 0 x 0, 4 x 1, Santos; 3 x 2, 2 x 1, S. Paulo Railway; 3 x 1, 4 x 2, Portuguesa Sant. *Resumo:* J, 20; V, 17; E, 2; D, 1; GP, 63; GC, 16; S, 47. *Artilheiros:* Teleco, 32; Carlinhos, 10; Servílio, 8; Joane e Lopes, 6; e Passerine (contra — SPR), 1.

1941

Time-base: Ciro (Pio), Agostinho, Chico Preto (Dedão), Jango (Peliciari), Brandão, Dino, Lopes (Tite), Servílio, Teleco (Milani), Joane (Caio) e Carlinhos (Manja). *Campanha:* 4 x 0, 6 x 0, Espanha; 3 x 2, 4 x 1, S. Paulo Railway; 2 x 1, 3 x 0, São Paulo; 2 x 0, 3 x 1, Portuguesa Sant.; 3 x 1, 2 x 1, Portuguesa Desp.; 2 x 1, 2 x 2, Juventus; 7 x 0, 3 x 2, Santos; 5 x 1, 6 x 0, Comercial; 1 x 1, 0 x 2, Palestra; 1 x 1, 2 x 0, Ipiranga. *Resumo:* J, 20; V, 16; E, 3; D, 1; GP, 61; GC, 17; S, 44. *Artilheiros:* Teleco, 26; Servílio, 11; Joane e Milani, 7; Carlinhos, 5; Brandão, 3; e Tite, 2.

1951

Campeão. Time-base: Cabeção (Gilmar), Homero (Murilo), Rosalém (Alfredo), Idário, Touguinha (Lorena), Julião (Roberto), Cláudio, Luizinho, Baltazar (Nardo), Carbone (Jackson) e Mário (Nelsinho, Colombo e Ratinho). *Campanha:* 3 x 2, 3 x 0, Nacional; 3 x 1, 1 x 0, Ponte Preta; 5 x 2, 3 x 2, XV Piracicaba; 9 x 2, 3 x 1, Comercial; 1 x 0, 5 x 2, Radium; 3 x 3, 3 x 7, Portuguesa Desp.; 7 x 1, 4 x 2, Jabaquara; 3 x 0, 7 x 2, Juventus; 4 x 0, 4 x 1, São Paulo; 4 x 0, 1 x 1, Portuguesa Sant.; 4 x 1, 4 x 2, Santos; 4 x 0, 4 x 0, Guarani; 3 x 2, 3 x 0, Ipiranga; 0 x 2, 3 x 0, Palmeiras. *Resumo:* J, 28; V, 24; E, 2; D, 2; GP, 103; GC, 37; S, 66. *Artilheiros:* Carbone, 30; Baltazar, 25; Cláudio, 18; Luizinho, 13; Jackson, 9; Nelsinho e Colombo, 2; Mário, Sula, Idário e Roberto, 1.

1952

Bicampeão. Time-base: Gilmar (Cabeção), Homero, Olavo, Idário (Sula), Goiano (Lorena), Julião (Roberto), Cláudio (Sousinha), Luizinho (Zezinho), Baltazar, Carbone (Gatão) e Mário (Colombo e Liquinho). *Campanha:* 3 x 2, 1 x 0, Ponte Preta; 6 x 0, 1 x 3, XV Jaú; 7 x 1, 3 x 0, Nacional; 0 x 0, 2 x 0, Jabaquara; 6 x 2, 3 x 0, Juventus; 3 x 2, 4 x 1, Santos; 4 x 0, 2 x 1, Ipiranga; 2 x 0, 5 x 0, Radium; 4 x 0, 2 x 1, Portuguesa Sant.; 3 x 4, 2 x 1, Portuguesa Desp.; 2 x 1, 6 x 4, Palmeiras; 2 x 2, 1 x 2, XV Piracicaba; 4 x 1, 2 x 1, Guarani; 2 x 1, 3 x 2, São Paulo. *Resumo:* J, 30; V, 25; E, 2; D, 3; GP, 89; GC, 33; S, 56. *Artilheiros:* Baltazar, 27; Carbone, 20; Cláudio, 13; Sousinha e Luizinho, 7; Zezinho e Gatão, 3; Liquinho e Idário, 2; Mário, Julião, Colombo, Hermínio (contra — Portuguesa) e Juvenal (contra — Palmeiras), 1.

1954

Decisão — 6/fevereiro/1955
CORINTHIANS 1 X PALMEIRAS 1

Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: Esteban Marino; Gols: Luizinho 10 do 1.º e Ney 5 do 2.º. CORINTHIANS: Gilmar, Homero e Alan; Idário, Goiano e Roberto; Cláudio, Luizinho, Baltazar, Rafael e Simão. Técnico: Osvaldo Brandão. PALMEIRAS: Laércio, Manuelito e Ação; Nilo, Waldemar Fiume e Dema; Liminha, Humberto, Ney, Jair Rosa Pinto e Rodrigues. Técnico: Aimoré Moreira. *Campanha:* 1 x 0, 3 x 1, Ipiranga; 1 x 0, 2 x 1, Linense; 1 x 1, 1 x 0, Juventus; 2 x 1, 2 x 1, Guarani; 1 x 1, 3 x 0, XV Jaú; 6 x 1, 1 x 1, Ponte Preta; 1 x 0, 1 x 0, Portuguesa Desp.; 4 x 0, 3 x 1, São Bento; 5 x 0, 3 x 3, Noroeste; 3 x 1, 1 x 1, XV Piracicaba; 0 x 2, 1 x 4, Santos; 3 x 2, 1 x 1, Palmeiras; 2 x 1, 3 x 1, São Paulo. *Resumo:* J, 26; V, 18; E, 6; D, 2; GP, 55; GC, 25; S, 30. *Artilheiros:* Luizinho, 14; Cláudio, 12; Paulo, 8; Baltazar e Nonô, 7; Rafael, 3; Roberto, 2; Carbone e Gatão, 1.

Campeão paulista de 1977

1977

Decisão — 13/outubro/77
CORINTHIANS 1 X P. PRETA 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Dulcídio Wanderley Boschilia; Renda: Cr$ 3 325 470; Público: 86 677; Gol: Basílio 36 do 2.º; Cartão amarelo: Ângelo e Basílio; Expulsão: Rui Rei 15 do 1.º; Oscar e Geraldo 40 do 2.º. CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir e Wladimir; Ruço, Luciano e Basílio; Vaguinho, Geraldo e Romeu. Técnico: Osvaldo Brandão; PONTE PRETA: Carlos, Jair, Oscar, Polozi e Ângelo; Vanderlei, Marco Aurélio e Dicá; Lúcio, Rui Rei e Tuta (Parraga). Técnico: Zé Duarte. *Campanha:* 2 x 0, 1 x 0, Portuguesa Sant.; 0 x 4, 1 x 2, Ponte Preta; 3 x 0, 1 x 0, Comercial; 2 x 0, 4 x 0, Paulista; 0 x 0, 3 x 1, Ferroviária; 2 x 0, 1 x 0, Marília; 0 x 1, 1 x 0, Juventus; 2 x 2, 2 x 0, Botafogo; 2 x 0, 0 x 1, Portuguesa Desp.; 0 x 1, 5 x 1, Noroeste; 1 x 1, 4 x 0, Santos; 0 x 0, 2 x 0, São Bento; 0 x 3, 1 x 2, Guarani; 1 x 0, 1 x 0, São Paulo; 3 x 1, 3 x 2, XV Piracicaba; 3 x 0, 2 x 1, América; 0 x 0, 2 x 4, Palmeiras; 4 x 0, 0 x 3, XV Jaú; *Semifinais:* 2 x 2, Santos; 0 x 1, Ponte Preta; 2 x 0, Palmeiras; 0 x 1, Guarani; 1 x 0, Botafogo; 1 x 0, Portuguesa Desp.; 2 x 1, São Paulo. *Finais:* 1 x 0, Ponte Preta; 1 x 2, Ponte Preta; 1 x 0, Ponte Preta. *Resumo:* J, 47; V, 29; E, 6; D, 12; GP, 71; GC, 37; S, 34. *Artilheiros:* Geraldo, 23; Palhinha, 9; Vaguinho e Romeu, 8; Basílio, 7; Luciano, 5; Ruço, 3; Edu, 2; Zé Maria, Wladimir, Darci, Adãozinho, Lance e Rosemiro (contra — Palmeiras), 1.

1979

Decisão — 10/fevereiro/80
CORINTHIANS 2 X PONTE PRETA 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Romualdo Arppi Filho; Renda: Cr$ 8 986 120; Público: 90 578; Gols: Sócrates 11 e Palhinha 23 do 2.º; Expulsão: Juninho. CORINTHIANS: Jairo, Luís Cláudio, Mauro, Amaral e Wladimir; Caçapava, Biro-Biro e Palhinha; Píter (Vaguinho), Sócrates e Romeu (Basílio). Técnico: Jorge Vieira. PONTE PRETA: Carlos, Toninho, Juninho, Nenê e Odirlei; Vanderlei, Marco Aurélio e Dicá (Humberto); Lúcio (Lola), Osvaldo e João Paulo. Técnico: Zé Duarte. *Campanha:* 2 x 2, 3 x 0, Ferroviária; 2 x 0, 1 x 1, São Bento; 2 x 0, 3 x 0, Marília; 0 x 0, 1 x 2, Internacional; 1 x 0, 0 x 0, Santos; 3 x 0, 0 x 0, Velo Clube; 1 x 3, 2 x 1, Botafogo; 1 x 1, 1 x 1, Noroeste; 5 x 0, 1 x 0, Juventus; 2 x 0, 2 x 1, XV Piracicaba; 0 x 3, 1 x 1, Ponte Preta; 0 x 0, 2 x 0, Portuguesa Desp.; 0 x 0, 1 x 1, América; 0 x 0, 0 x 1, Comercial; 1 x 3, 1 x 1, Palmeiras; 0 x 1, 0 x 0, Francana; 2 x 0, 1 x 1, São Paulo; 3 x 3, 0 x 0, Guarani; 1 x 0, 2 x 1, XV Jaú. *Semifinais:* 1 x 0, América; 0 x 0, Ferroviária; 2 x 0, Botafogo; 2 x 1, São Paulo. *Finais:* 1 x 1, Palmeiras; 1 x 0, Palmeiras; 1 x 0, Ponte Preta; 0 x 0, Ponte Preta; 2 x 0, Ponte Preta. *Resumo:* J, 47; V, 21; E, 20; D, 6; GP, 58; GC, 30; S, 28. *Artilheiros:* Sócrates e Geraldo, 10; Píter e Palhinha, 9; Vaguinho, 5; Basílio e Wilsinho, 4; Romeu e Wladimir, 2; Biro-Biro, Zenon e Caçapava, 1.

1982

Decisão — 12/dezembro/82
CORINTHIANS 3 X SÃO PAULO 1

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: José de Assis Aragão; Renda: Cr$ 50 677 200; Público: 66 851; Gols: Biro-Biro 26, Darío Pereyra 32, Biro-Biro 37 e Casagrande 41 do 2.º; Cartão amarelo: Ataliba, Casagrande, Darío Pereyra, Almir, Éverton e Serginho; Expulsão: Oscar 27 do 2.º. CORINTHIANS: Solito, Alfinete (Zé Maria, 42 do 2.º), Mauro, Daniel González e Wladimir; Paulinho, Sócrates e Zenon (Eduardo, 42 do 2.º); Ataliba, Casagrande e Biro-Biro. Técnico: Mário Travaglini. SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Marinho Chagas; Almir, Renato e Éverton; Paulo César, Heriberto (Serginho, 35 do 1.º) e Zé Sérgio. Técnico: José Poy. *Campanha:* 1 x 0, 3 x 1, Santo André; 2 x 0, 2 x 1, Comercial; 1 x 1, 2 x 0, São José; 0 x 1, 2 x 1, São Bento; 2 x 0, 5 x 1, Juventus; 5 x 1, 0 x 0, Palmeiras; 2 x 0, 1 x 2, Francana; 2 x 1, 3 x 1, Ferroviária; 3 x 2, 2 x 0, Internacional; 0 x 0, 3 x 1, XV Jaú; 0 x 1, 1 x 1, Guarani; 1 x 0, 1 x 0, Santos; 1 x 1, 0 x 2, Ponte Preta; 1 x 0, 0 x 1, Marília; 0 x 0, 3 x 1, Portuguesa Desp.; 2 x 0, 2 x 3, São Paulo; 2 x 1, 4 x 2, Botafogo; 1 x 1, 4 x 0, Taubaté; 4 x 1, 3 x 3, América. *Finais:* 1 x 0, 3 x 1, São Paulo. *Resumo:* J, 40; V, 26; E, 8; D, 6; GP, 75; GC, 33; S, 42. *Artilheiros:* Casagrande, 28; Sócrates, 18; Zenon, 9; Wladimir, Biro-Biro e Ataliba, 6; Daniel González e Magu, 1.

1983

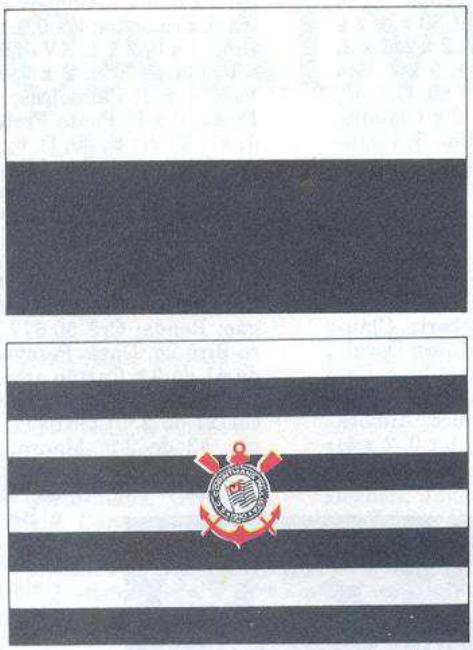
Decisão — 14/dezembro/83
SÃO PAULO 1 X CORINTHIANS 1

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Dulcídio Wanderley Boschilia; Renda: Cr$ 126 715 000; Público: 88 085; Gols: Sócrates 46 e Marcão 48 do 2.º; Cartão amarelo: Mauro, Casagrande e Marcão; Expulsão: Darío Pereyra 30 do 2.º. SÃO PAULO: Waldir Peres, Paulo (Paulo César, 29 do 2.º), Oscar, Darío Pereyra e Nelsinho; Zé Mário, Humberto (Gassem, 35 do 2.º) e Renato; Márcio Araújo, Marcão e Zé Sérgio. Técnico: Mário Travaglini. CORINTHIANS: Leão, Alfinete, Mauro, Juninho e Wladimir; Paulinho, Sócrates e Zenon; Biro-Biro, Casagrande (Wágner, 33 do 2.º) e Eduardo. Técnico: Jorge Vieira. *Campanha:* 1 x 0, 2 x 1, Ferroviária; 0 x 0, 3 x 1, São José; 1 x 0, 1 x 1, Internacional; 1 x 0, 0 x 2, São Bento; 2 x 2, 0 x 0, Santo André; 1 x 1, 1 x 1, Marília; 1 x 1, 2 x 1, Juventus; 1 x 2, 1 x 1, Palmeiras; 4 x 1, 2 x 0, Botafogo; 1 x 2, 0 x 0, Taubaté; 3 x 0, 1 x 0, América; 0 x 2, 2 x 1, Taquaritinga; 2 x 1, 1 x 2, Portuguesa Desp.; 1 x 1, 1 x 0, São Paulo; 2 x 1, 3 x 2, Ponte Preta; 1 x 2, 3 x 0, Comercial; 0 x 0, 0 x 2, Santos; 3 x 0, 3 x 2, Guarani; 1 x 1, 3 x 1, XV Jaú; *Semifinais:* 1 x 1, 0 x 0, Santos; 2 x 0, 1 x 1, Ponte Preta; 2 x 0, 3 x 0, São Bento. *Finais:* 1 x 1, 1 x 0, Palmeiras; 1 x 0, 1 x 1, São Paulo. *Resumo:* J, 48; V, 24; E, 17; D, 2; GP, 68; GC, 39; S, 29. *Artilheiros:* Sócrates, 21; Casagrande, 15; Biro-Biro, 9; Ataliba, 7; Zenon, 4; Jota Maria e Luís Fernando, 3; Wladimir, 2; Ronaldo, Wágner, Mauro e Paulo Egídio, 1. □

TODO FEITO NA BASE DO AMOR

A falta de recursos não desanimou nem um pouco o pequeno grupo que fundou o Corinthians, em 1910. A primeira bola de capão — que custou na época 6 contos de réis — foi comprada após uma longa peregrinação pelo bairro do Bom Retiro à cata de donativos. E a primeira bandeira também. A lista correu de mão em mão pelos comerciantes do bairro, até atingir o total necessário para a compra de vários metros de tecido preto e de branco, que, costurados em partes iguais, tornaram-se o pioneiro símbolo daqueles abnegados que se reuniam na barbearia do Salvador ou na confeitaria do Desidério. Apaixonados, místicos e supersticiosos, os corintianos levaram a bandeira para o padre Antônio Pasova benzer.

Com o passar do tempo — e pelo crescimento incessante do clube —, outras bandeiras foram confeccionadas, sempre obedecendo à disposição das listas na horizontal,



com a faixa preta sempre embaixo. Hoje, a bandeira oficial do Corinthians é alvinegra, tendo ao centro o distintivo do clube, circundado pelo salva-vidas, a âncora e dois remos. Como os demais símbolos — por força estatutária —, ela é parte do patrimônio do clube.

E LÁ VEM O QUARTO MOSQUETEIRO

No ano de 1913, em São Paulo, houve uma cisão entre os clubes e os times se dividiram para disputar dois campeonatos: o da APEA e o da Liga. Na Liga, tinham ficado apenas três clubes — Americano, Germânia e Internacional —, conhecidos como os "três mosqueteiros", num aproveitamento folclórico dos heróis criados pelo famoso romancista francês Alexandre Dumas.

O Corinthians, recém-fundado, disputava na época uma vaga na Liga. Mas, para entrar, teria de ser "diplomado". A dura prova era vencer o Minas Gerais e o antigo São Paulo. A vontade era tanta que o Corinthians ganhou, incorporando-se aos "mosqueteiros" e assumindo, como na história de Dumas, o papel do galante aventureiro, o quarto mosqueteiro D'Artagnan. Destemido e vingador como esse herói, o alvinegro passou então a ser conhecido como um "mosqueteiro". E, com a extinção dos demais, ficou sendo o único, reconhecido até hoje.

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Sílvio Faria, Thomaz Souto Corrêa, Angelo Rossi, José Augusto P. Moreira, Roger Karman, Plácido Loriggio, Ricardo A. Fischer

PLACAR

Diretor-Gerente: Thomaz Souto Corrêa

REDAÇÃO

Diretor: Juca Kfouri
Redator-Chefe: Sérgio de Souza
Editor de Projetos Especiais: Paulo Patarra
Equipe especial
Editor: Palmério Dória
Coordenador de Reportagem: João Carlos Rodriguez
Redatores: Fernando Del Corso e Nilcéia Nogueira
Repórteres: Hideki Takizawa, Hélio de Alcântara, Francisco Malfitani, Sérgio A. Carvalho, Divino Fonseca e Roberto José da Silva
Arte: Omar Grassetti *(editor)*, Afonso Luiz Grandjean Pinto *(chefe)*, Alberto S.L. Magalhães, Nélson Alves, Sérgio Prado Martins e Walter Mazzuchelli *(assistentes)*, José Dionísio Filho, José da Luz Tenório e Nilson Piovesan *(paste-up)*
Fotografia: Sérgio Berezovsky *(editor)*, Nico Esteves e Ricardo Kotscho, Ricardo Beliel, Rodolpho Machado, Armênio Abascal, Sérgio Sade e Lemyr Martins; Joel Sampaio e José Adolfo de Granville Ponce *(colaboradores)*
Secretário de Redação: Hélio Moreira da Silva
Assistentes de Redação: Araci Rosa, Marcelo Duarte e Rita de Cássia Nevado
Preparadores de Textos: José Gustavo Vasconcellos e Sílvio Arruda Nascimento
Secretário de Produção: Jurandir Xavier Chamusca
Auxiliar de Produção: Renê Santos Filho
Arquivo: Pedro Alvares Cabral e Nélson Gonçalves Coelho
Secretários: Rafael Vieira Filho e Zeugma Sgroi

SUCURSAIS

Rio: Marcelo Rezende *(chefe de redação)*, Hideki Takizawa, Maria Helena Araújo, Regina Echeverria e Tim Lopes *(repórteres)*; Ricardo Beliel, Rodolpho Machado *(fotógrafos)*; **Belo Horizonte:** Sérgio A. Carvalho *(repórter)*, Armênio Abascal *(fotógrafo)*; **Curitiba:** Roberto José da Silva *(repórter)*, Sérgio Sade *(fotógrafo)*; **Porto Alegre:** Divino Fonseca *(repórter)*, Lemyr Martins *(fotógrafo)*; **Recife:** Lenivaldo Aragão *(repórter)*; **Salvador:** Washington de Souza Filho *(repórter)*

Correspondentes Internacionais

Alemanha: Guilherme Dieken; **Argentina:** José Meirelles Passos; **EUA — Nova York:** Odillo Licetti *(chefe)* e Marco Antônio de Menezes; **Washington:** Roberto Garcia; **França:** Pedro de Souza; **Inglaterra:** Alessandro Porro e Jáder de Oliveira; **Itália:** Gerardo Landulfo

SERVIÇOS EDITORIAIS

Diretor: Pierluigi Bracco
Abril Press: João Carlos Geroldo *(gerente)*; Escritórios - **Milão** - Laura Censi *(chefe)* - International Business Centre - Corso Europa, 12 - Phone 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano - Telex: 313585 e 332809 - **Nova York** - Odillo Licetti *(chefe)*, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y., 10165 - Telex: 237670, Phone (212)557-5990/5993 - **Paris** - Pedro de Souza *(chefe)*, 33, av. Champs Elysées, 2.º Bureaux 213Bis214, Paris 75008, Phone 225-5865, Telex: ABRILPA 660731F
Depto. de Documentação: Auta Rojas Barreto *(gerente)*
Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli *(gerente)*

COMERCIAL

Diretor de Circulação: Márcio Valente
Gerente Comercial: Wanderlei A. Medeiros

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade, Divisão: Oswaldo de Almeida Filho
Gerente de Publicidade: José Filinto da Silva Neto; **representantes:** Fábio de Almeida e Thyrso Pinto Bandeira Filho
Coordenação de Publicidade: Tieko Kuniyuki
Rio: Sebastião Martins *(diretor)*; Mauro R. Bentes *(gerente)*; Aldano Alves, Ana Maria Salgado, Angelo J. Neci, Carlos Alberto F. Rodrigues, Eduardo Andréa S. Sá, Paulo Roberto F. Cunha e Ricardo O. Lima *(representantes)*
Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves *(supervisor)*
Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Curitiba: Angelo Costi
Florianópolis: Geraldo Nilson de Azevedo
Fortaleza: Roseli M. Pereira da Silva
Porto Alegre: Elcenho Engel
Recife: Geraldo Amaro Rodrigues
Salvador: Fernando Loureiro
Gerente de Anúncios p/ Terceiros: Cecil Rowlands F.º
Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines
Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cosi Jr.
Diretor Escritório Rio: Sebastião Martins
Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Diretor Administrativo: Marcus Vinicius Ramos Vieira
Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado: Sonia Novinsky

Diretor Responsável: Osvaldo Franco Domingues Jr.

PLACAR é uma publicação da Editora Abril S.A./**Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:** rua Geraldo Flausino Gomes, 61, 8.º and., tels. 545-8312 *(redação)*, 545-8324 *(publicidade)*, cx. postal 2372, telex (011)23227, 23322 e 24134, São Paulo/**Telex em Nova York:** EDABRIL 237670/**Escritórios: Belo Horizonte:** r. Aimorés, 388, 2.º andar, salas 201 a 208, fone (031)224-4855, telex (031)1085, telegramas: Abrilpress/**Brasília:** SCS - 6, Edif. Central, 10.º 12.º e 13.º ands., tel.: (061)224-9150, telex: (061)1464, telegramas: Abrilpress/**Florianópolis:** r. Osmar Cunha, 15 - 2.º and. - c/214 Bloco A - tel.: (0482)22-7826/**Curitiba:** r. Fernandes de Barros, 491 1.º and., tel.: (041)262-8833, telex: (041)5278, telegramas: Abrilpress/**Porto Alegre:** r. General Caldwell, 670 e 678, tel.: (0512)33-2899, telex (051)1092, telegramas: Abrilpress/**Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, Edif. San Rafael, conj. 903/904, tel.: (081)224-0977, telex: (081)1184, telegramas: Abrilpress/**Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º ands., Botafogo, tel.: (021)295-5282, cx. postal 2372, telex: (021)22674/**Salvador:** r. Itabuna, 304, tel.: (071)247-3999, telex: (071)1180, telegramas: Abrilpress/**Distribuidor nos EUA:** M&Z REPRESENTATIVES, 112 Ferry Street, Newark, N.J., 07105, tel.: (201)589-2794/**Preço do exemplar avulso:** o constante na capa/Ninguém está credenciado a angariar assinaturas: se for procurado por alguém denuncie-o às autoridades locais/**Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: cx. postal 60171, São Paulo, telex (011)33670 ABSA. Não mande dinheiro. O pagamento, inclusive despesas postais, será feito na retirada da encomenda na agência do Correio/Todos os direitos reservados/Distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural, São Paulo. As opiniões dos artigos assinados não são necessariamente as adotadas por esta revista, podendo até ser contrárias à mesma.

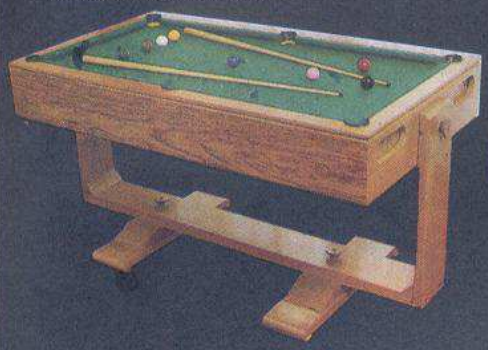
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

GANHE NO ESPAÇO COM A VERSÁTIL

Lindo painel decorativo.

A VERSÁTIL da BIS-LAR é uma mesa que vale por 5: mesa de trabalho, de refeições para toda a família, escritório, snooker e lindo painel decorativo. Com acabamento de primeira, em madeira de cerejeira maciça, a VERSÁTIL tem garantia do próprio fabricante. E ótima até quando você não precisa dela. Além de não ocupar espaço, na hora de guardar, basta virá-la na posição vertical para transformar a VERSÁTIL num bonito painel decorativo.

Divertida mesa de snooker.



Mesa para trabalho.

Acompanham 6 práticas banquetas.

VERSÁTIL JÁ VEM COMPLETINHA!

- 6 práticas banquetas
- 4 tacos especiais
- 8 bolas
- giz

Prancheta de desenho.

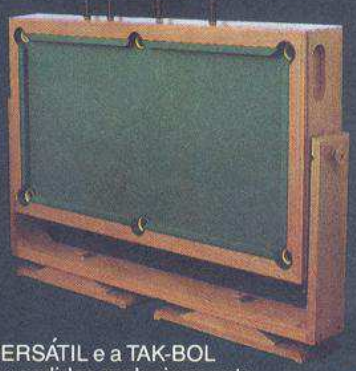
Mesa para refeições.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS
(Versátil e Tak-Bol)
Dimensões: 1,65m x 0,90 m
Altura: 0,80 m
Pés: giratórios e reguláveis

E VIRE O JOGO COM A TAK-BOL

Em matéria de lazer, TAK-BOL dá o lance maior com duas opções geniais, em jogos de **Snooker** e **Pebolim** quando você gira o tampo.
TAK-BOL é fabricada em **cerejeira maciça** para você ganhar também na qualidade e resistência.
E vem acompanhada de:

- 8 bolas para snooker
- 4 tacos especiais
- 7 bolas para pebolim
- giz

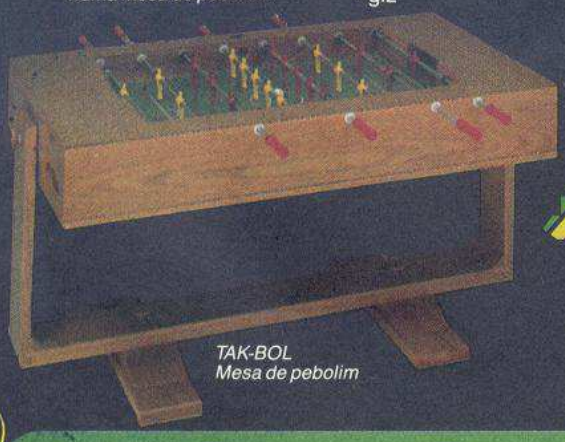


Não ocupa espaço quando não usada.

Outra exclusividade são os varões do pebolim, que não atravessam fora da mesa, dando total segurança.

GARANTIDA PELO PRÓPRIO FABRICANTE.

Vire e transforme a TAK-BOL numa mesa de pebolim.

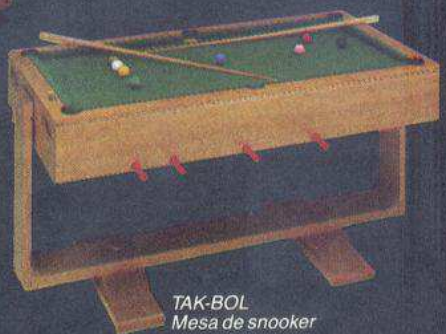


TAK-BOL
Mesa de pebolim

A VERSÁTIL e a TAK-BOL são vendidas exclusivamente pelo próprio fabricante. Ligue já, sem compromisso. Ou faça o seu pedido de qualquer parte do Brasil.

BIS-LAR®
Bis-Lar Ltda.

Av. Rebouças, 2736 - São Paulo - SP
Fones: (011) 282-3673 - 853-3145 - 881-9447 - CEP 05402
Estacionamento Próprio.



TAK-BOL
Mesa de snooker

ESQUADRÃO IMBATÍVEL

ZÉ MARIA, José Maria Rodrigues Alves, 18/5/49, Botucatu, SP — 22 votos. Símbolo vivo da raça alvinegra de 1970 a 83. É vereador à Câmara Municipal de São Paulo, eleito que foi pela massa corintiana.

GILMAR dos Santos Neves, 22/8/30, Santos, SP — 22 votos. Começou em 1951 com um desastre, tomando uma goleada da Portuguesa (7 x 3). Mas acabou sendo o goleiro que mais vezes vestiu a camiseta canarinho: 100 jogos, de 1953 a 69.

DOMINGOS DA GUIA, 24/7/12, Rio de Janeiro — 8 votos. O maior beque central do Flamengo, do Corinthians e de todos os tempos.

GOIANO, Washington da Silva Guimarães, 2/2/28, Rio Verde, GO — 8 votos. Protetor dos miúdos. Quando ameaçavam Luizinho, o valente Goiano ia tomar satisfações.

LUIZINHO, Luiz Trochillo, 7/3/30, São Paulo, SP — 21 votos. Emérito driblador, baixinho desaforado. Um *Pequeno Polegar*.

WLADIMIR Rodrigues dos Santos, 29/8/54, São Paulo, SP — 18 votos. Marcador preciso, apoiador objetivo, ótima cabeça.

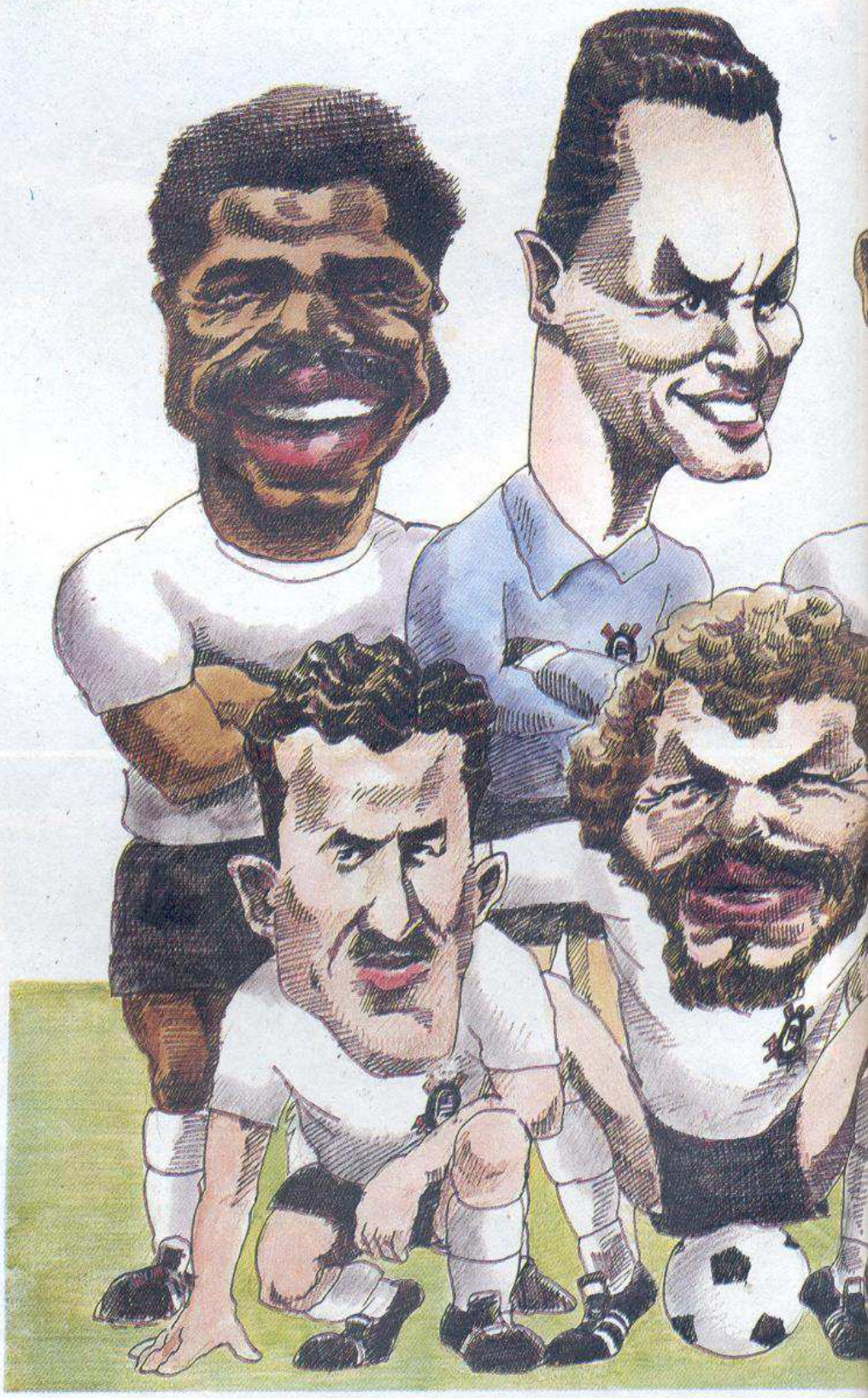
CLÁUDIO Christovam Pinho, 18/7/22, Santos, SP — 23 votos. Líder dentro e fora do campo, foi quem mais fez gols para o Corinthians: 295.

SÓCRATES Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, 19/2/54, Belém, PA — 16 votos. Técnica à parte, a Fiel passou a venerá-lo por uma razão muito especial: o Doutor assumiu seu corintianismo, mesmo tendo ido para a Fiorentina.

BALTAZAR, Osvaldo da Silva, 14/1/26, Santos, SP — 18 votos. Jogou 402 partidas, marcou 267 gols — 150 de cabeça. Daí o apelido de Cabecinha de Ouro.

RIVELINO, Roberto Rivelino, 1/1/46, São Paulo, SP — 16 votos. Que canhão de esquerda! Tricampeão brasileiro no México e um dos ídolos mais festejados pela torcida.

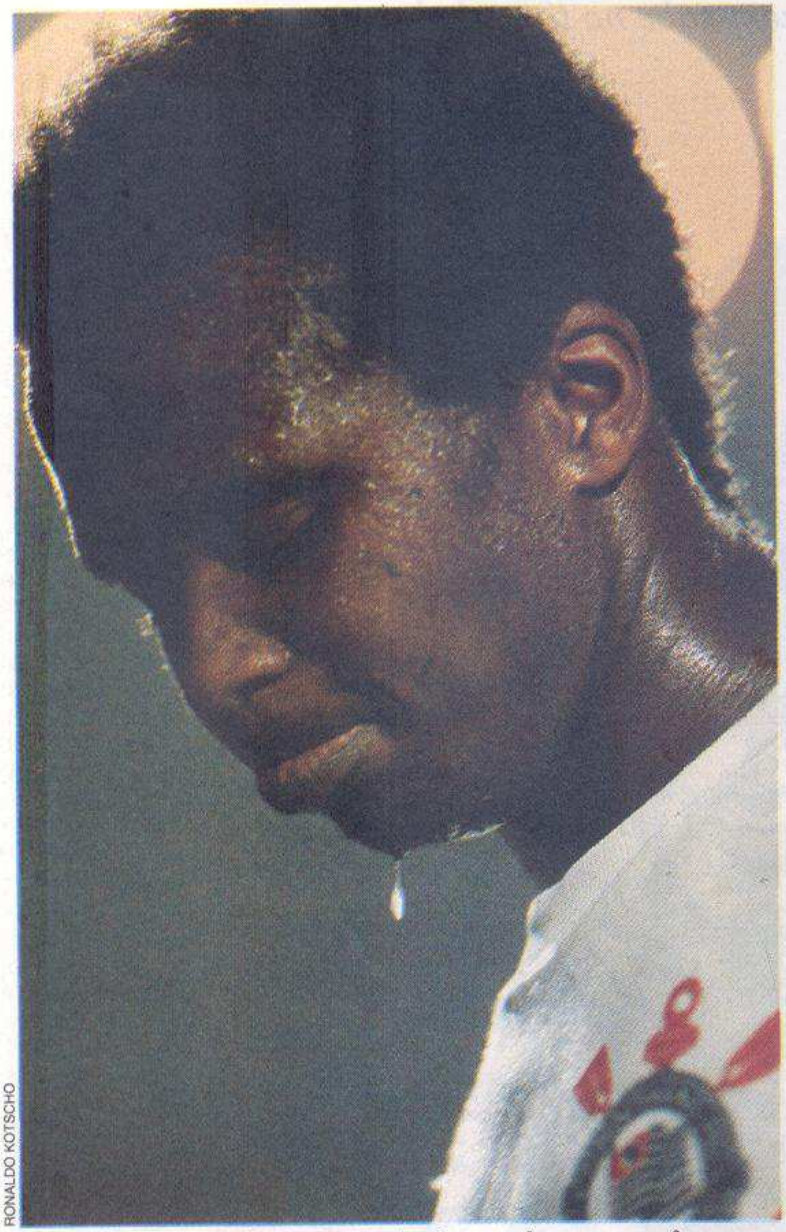
DE MARIA, Alexandre De Maria, 19/6/1904, Votorantim, SP — 11 votos. Goleador das décadas de 20 e 30. Com seu 1,90 m, formou com Rato uma infernal ala-esquerda. Muita objetividade, chegou a defender a Seleção B, a *Azzurra*, da Itália, onde foi muito bem recebido como *oriundi*.



Qual o melhor Corinthians? Em caso de dúvida, bote para jogar duas escalações dos seus sonhos em sua cabeça ou quem sabe no time de botão

Gilmar (1951-61)
Zé Maria (1970-83)
Domingos da Guia (1944-48)
Goiano (1953-59)
Wladimir (desde 1971)
Rivelino (1965-74)
Luizinho (1949-61 e 1964)
Sócrates (1978-84)
Cláudio (1945-57)
Baltazar (1947-58)
De Maria (1927-31 e 1934-35)

ILUSTRAÇÃO GEPP E MAIA



RONALDO KOTSCHO

Wladimir: não se faz de rogado nem nega fogo

"Con razón *o sin razón, Corinthians tiene siempre razón.*" Apaixonada, fanática, a frase do presidente dos anos 30, o espanhol Manoel Correcher, resume de forma exemplar esta estranha força que o clube do Parque São Jorge exerce sobre seus milhões de fiéis torcedores espalhados por todo o Brasil. É algo acima do comum, além da razão. Um sentimento que só um corintiano de verdade sabe o que significa, mesmo que não possa definir. E os torcedores dos outros times, por desconhecerem essa paixão, a odeiam.

Em 74 anos de história, o Corinthians acumulou um sólido patrimônio. Uniu em torno de suas cores uma nação de admiradores e construiu seu prestígio e tradição sobre um punhado de heróis. Criou e desfez mitos, sempre calcado no amor (ou no ódio) de seu imenso povo. Cada partida, através do tempo, ganhou o gosto especial da luta a ser vencida a qualquer custo. O Corinthians sempre sozinho, contra todos, como se retratasse dentro do campo o heroísmo de sua torcida no mundo lá fora.

Por tudo isso, não foi fácil conseguir de 30 notáveis corintianos a eleição dos melhores 11 jogadores de todos os tempos. No gol, por exemplo, as lembranças das defesas mirabolantes de Gilmar foram fortes o suficiente para garantir seu posto nesta seleção. Mas foi com um indisfarçável sentido de ingratidão para com o grande Tuffy que muitos votaram em Gilmar. Afinal, aquele goleiro que entrava em campo todo de preto e era chamado de Satanás por suas defesas impossíveis tinha sido um dos mais respeitados heróis da história do clube. O mesmo aconteceu com Neco. Embora não tenha sido eleito, foi muito votado. Quem não se lembra daquele meia baixinho e rá- ▷

O HINO DOS CAMPEÕES

Nos idos anos 30, o Corinthians teve um hino que não chegou a ser muito divulgado — e por isso desapareceu. O atual *Campeão dos Campeões* foi composto entre 1951 e 52, pelo radialista e compositor Lauro d'Ávila e logo se tornou oficial, caindo no gosto da imensa torcida com a conquista do campeonato do IV Centenário. A primeira gravação, em 78 rotações, foi feita por Osni Silva, um cantor muito conhecido na época, através da gravadora Continental.

Salve o Corinthians
O Campeão dos Campeões
Eternamente
Dentro dos nossos corações
Salve o Corinthians
De tradição e glórias mil
Tu és orgulho
Dos desportistas do Brasil
Teu passado é uma bandeira
Teu presente, uma lição
Figuras entre os primeiros
Do nosso esporte bretão
Corinthians grande
Sempre altaneiro
És do Brasil
O clube mais brasileiro!

Revelado! O espantoso segredo do célebre e simpático Caçulinha.

Agora! Use gratuitamente a Cruz de Ágades durante 30 dias...

e verifique se com você, essa extraordinária história pode se repetir. Caso contrário, você terá 30 dias para devolvê-la para em seguida RECEBER SEU DINHEIRO DE VOLTA!

Até completar 20 anos, nada de extraordinário havia me acontecido. Parei logo os meus estudos e minha família não era rica. Além do mais eu não ambicionava grandes coisas na vida. Um dia, um amigo voltando de uma viagem na França trouxe-me um presente de lá:

Uma corrente com uma pequena Cruz em pingente.

Ele explicou-me que se tratava da verdadeira **Cruz de Ágades,** conhecida há vários séculos por possuir misteriosos poderes. No início, não dei muita importância ao que ele me dizia, mas comecei assim mesmo a usar a Cruz, por esta ser muito bonita.
15 dias após, tive uma incrível e inesperada sorte: ganhei o primeiro prêmio na Loteria Federal!
E meu amigo me disse: "Você está vendo, é a Cruz de Ágades que está te dando sorte!"

15 dias após ter usado a Cruz de Ágades, ganhei o primeiro prêmio na Loteria Federal... e um mês depois voltei a ganhar novamente. Há mais de 20 anos que a uso e não quero mais separar-me dela por um instante sequer.

Eu pensei que fosse apenas uma coincidência.

Mas, eis que um mês depois, por incrível que pareça, voltei a ganhar!
Eu não tinha a mínima dúvida.
Desde então a sorte não mais me abandonou, e toda a minha vida foi se transformando; criei meu regional e a partir daí só me apresentei com artistas de gabarito; Elis Regina, Roberto Carlos, Elizeth Cardoso, enfim todos os maiores astros de nossa música popular.
Já me apresentei nos Estados Unidos, México, França, Espanha, etc, etc.
Agora vocês podem entender porque a Cruz de Ágades é o meu maior tesouro. A tenho sempre comigo, e por nada no mundo me separaria dela.

Nos dias de hoje ninguém mais acredita nessas lendas, ou será que acredita?

O que é certo, é que na República da Nigéria, ao longo de uma antiga pista de caravanas, em meio ao Sahara, o Oásis de Ágades continua esplendorosamente verde sob causticante sol, pouco mudado desde a época onde Askia controlava um vasto reinado estendendo-se do deserto ao mar.
É igualmente certo que, desde tempos imemoriáveis, milhões de pessoas atribuem a determinadas substâncias ou talismãs, o poder de modificar os destinos daqueles que os usam em contato com a pele, o poder de trazer-lhes saúde, FELICIDADE, SORTE, SUCESSO!
Embora não se saiba como a autêntica **Cruz de Ágades** foi pela primeira vez copiada e introduzida na Europa por contrabandistas, sabe-se que Ágades fazia parte do Império Francês da África nos séculos 18 e 19, e que hoje na França, milhares de mulheres e homens usam a mesma **Cruz de Ágades** (sempre em contato com a pele)!
Hoje em dia acredita-se que são as curiosas formas e esculturas desta magnífica peça de joalheria que modificam magnetismo do corpo humano - fazendo com que o magnetismo positivo seja capaz de repelir as ondas desfavoráveis e negativas, atraindo unicamente as ondas benéficas ao portador da Cruz.
Sem dúvida, todos nós já notamos a atração magnética exercida pelas pessoas de sucesso, que são felizes, têm sorte e bem estar.

Era uma vez, sob o reino de Askia o grande, Sultão de Songhai; um pobre condutor de camelos chamado Ahmed.
Um dia, o poderoso soberano, descontente de Ahmed, o expulsou de Oásis, condenando-o a morrer no deserto.
Quando, castigado sob o sol intenso do deserto, Ahmed estava quase morrendo, um beduíno apareceu com a intenção de roubá-lo.
No exato momento em que o punhal do ladrão ia atingí-lo, Ahmed agarrou-o pelo pescoço quebrando uma corrente na qual pendia uma cruz de prata estranhamente esculpida. Instantaneamente, o beduíno empalideceu, titubeou e caiu fulminado.

Ainda surpreso pela incrível sorte que acabara de salvar-lhe a vida, Ahmed pendurou a cruz em seu próprio pescoço. Enquanto isso, o camelo do beduíno aproximou-se e ajoelhou-se.
Uma vez em seu dorso, Ahmed foi conduzido pelo camelo a uma caverna perto de Ágades. Ali chegando, Ahmed não acreditou no que viu; jóias, especiarias e ouro, provenientes de centenas de caravanas saqueadas.
A partir deste instante, ele e seus descendentes - para os quuais Ahmed havia esculpido cópias de sua Cruz - viveram felizes a vida inteira, cercados de felicidade, fortuna e saúde.

A autêntica Cruz

Certificamos que trata-se da verdadeira **Cruz de Ágades,** em todos os detalhes, tal qual foi descrita nas lendas orientais.
Não damos, entretanto, certificado de seu poder de transformar destinos, curar doenças ou dar felicidade a quem quer que seja. Mas, veja a oferta sem risco algum que nós lhe oferecemos:
Use-a como uma belíssima peça de joalheria - delicadamente esculpida e banhada à sua escolha em ouro ou prata. Verifique os resultados.
A **Cruz de Ágades** em contato direto com a pele deve satisfazê-la(o) totalmente.
Caso contrário, você tem 30 dias para devolvê-la, para em seguida ser totalmente reembolsada(o), (menos as despesas postais e de reembolso). Isto, sem condições e sem perguntas. Não há pois, risco algum. Envie o cupom abaixo HOJE MESMO.

Atenção: Apenas um pequeno número de **Cruzes de Ágades** foi confeccionado. Mande o cupom rapidamente a fim de poder receber a sua.

Centro Franco Brasileiro de Venda Direta ao Consumidor (Divisão O.G.P. do Brasil)
Rua Cardeal Arcoverde, 1557 - CEP 05407 - São Paulo - SP

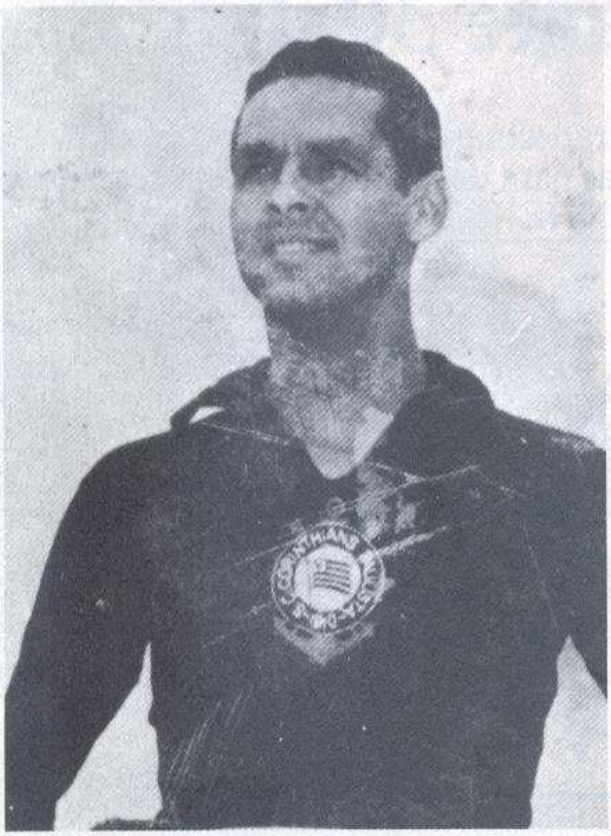
CUPOM PARA UM TESTE GRATUITO

sem nenhum compromisso, a ser enviado ao PL / P 13

Centro Franco Brasileiro de Venda Direta ao Consumidor
(Divisão O.G.P. do Brasil)
Rua Cardeal Arcoverde, 1557 - CEP 05407 - São Paulo - SP.

□ SIM, esta oferta de teste gratuito me interessa, e fica entendido que:
1 - Poderei usar a legendária Cruz de Ágades durante 30 dias sem nenhum compromisso ou obrigação.
2 - Se eu não estiver 100% entusiasmada(o), poderei devolvê-la antes de 45 dias e terei de volta todo o meu dinheiro (menos as despesas postais ou de reembolso). Isto sem condições nem perguntas.
Sob estas garantias, queiram me enviar em embalagem discreta e sem marcas externas:
□ . . . . . Cruzes) de Ágades **banhada a prata** por Cr$ 28.980,00 mais Cr$ 2.000,00 para as despesas postais, ou seja, um total de Cr$ 30.980,00.
□ . . . . Cruz(es) de Ágades **banhada a ouro** por Cr$ 29.980,00 mais Cr$ 2.000,00 para as despesas postais, ou seja, um totalde Cr$ 31.980,00.
□ Prefiro pagar a(s) Cruz(es) de Ágades ao recebê-la no correio de meu bairro ou cidade com um acréscimo de Cr$ 4.000,00 para as despesas postais e de reembolso.
(não esqueça de assinalar ouro ou prata)

NOME .....
ENDEREÇO .....
CIDADE .....
CEP ..... ESTADO .....



ABRIL

Gilmar: o eterno goleiro da Seleção Brasileira

pido, que costumava ir buscar a bola em seu campo, para sair com ela escondida entre os pés, driblando até arrematar para o gol adversário? Daquele jogador abnegado que mereceu uma estátua no Parque São Jorge?

RAÇA, valentia, força e técnica foram as virtudes que fizeram de Zé Maria, Domingos da Guia, Goiano e Wladimir os escolhidos para a grande defesa de todos os tempos do Timão. Wladimir, inclusive, ainda está em atividade e é hoje sinônimo da garra e da luta que sempre caracterizaram os alvinegros. Com mais de dez anos de clube, ele é o único remanescente da árdua conquista do título de 1977, que pôs fim ao jejum de 23 anos.

No miolo da zaga, figuram dois jogadores de estilos opostos: Domingos da Guia — o clássico que chegou ao clube já com 32 anos e jogou mais quatro, o bastante para que entrasse na galeria das estrelas imortais — e Goiano, pouco técnico, de jogo rude e violento, mas que também dava conta do recado. Era atrás de seu corpanzil, aliás, que o frágil Luizinho ia-se esconder quando os zagueiros adversários, cansados de suas joga-

O QUE A FAZENDINHA TEM

O Corinthians conta atualmente com 82 000 associados, que desfrutam dos 168 000 m² de área do Parque São Jorge. Ali funciona toda a parte administrativa, social e esportiva. Além do campo de futebol profissional, existem dois ginásios cobertos, com capacidade para 3 000 e 10 000 pessoas; quatro piscinas (de salto, olímpica, "meia-lua" e infantil); um balneário, que inclui mais uma piscina de correnteza; quatro campos de futebol de areia; sauna; aparelho para musculação; consultório dentário; e o Departamento Integrado, que comporta o departamento médico do clube (de pediatria a cirurgia), utilizado tanto pelos atletas profissionais como pelos sócios.

Em termos de recreação, o associado encontra uma área arborizada com quiosques e churrasqueiras, junto ao departamento de tamboréu. Há também os departamentos de judô, pugilismo, peteca, halteres e bocha, além do basquete, vôlei, natação, atletismo, futebol de salão, remo e handebol. O remo se destaca, já que o Corinthians constrói seus próprios barcos para competição, e seus atletas treinam na raia olímpica da Cidade Universitária.

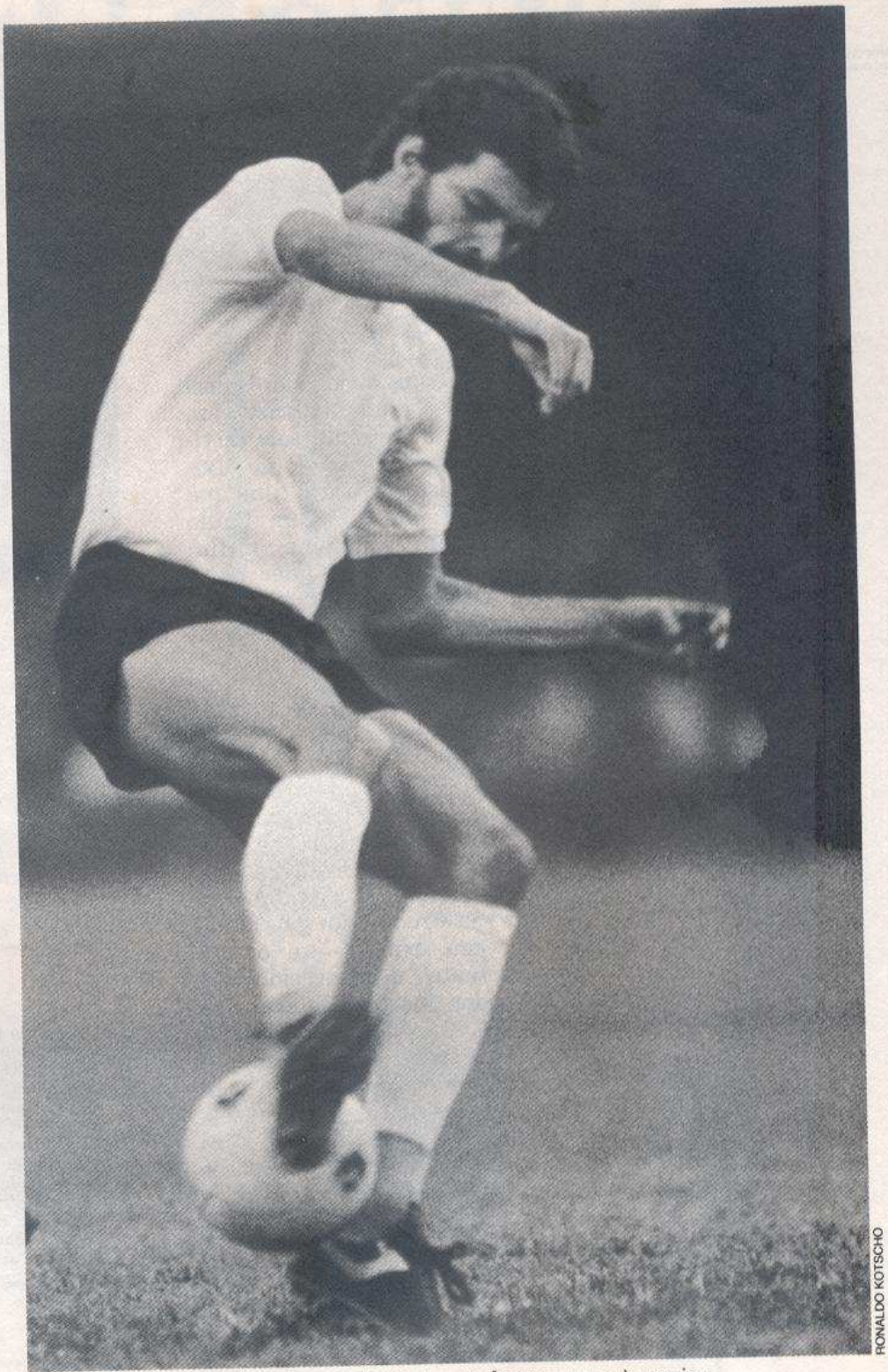
Há dois projetos em andamento: a construção de um novo estádio e a construção de uma piscina com onda, que já está com as estacas colocadas. Um terceiro projeto, ainda no papel, é a construção de uma sede social.

O Corinthians também se beneficia de promoções lotéricas, já que a Cartela Milionária é uma boa fonte de renda para o clube.

Tudo isso começou no ano de 1928, quando o Corinthians deixou de ser um time de 11 jogadores e uma bola para se tornar uma agremiação poliesportiva, com a aquisição de sua sede, ampliada em 1942, quando adquiriu o terreno do Guarani, um clube de alemães que havia em frente ao Parque São Jorge de hoje. Pagaram 750 contos de réis pelo que seria o alicerce do clube. Um dado curioso é que no ano do centenário da Independência do Brasil, 1922, o time foi campeão paulista após vencer o Paulistano na final, por 2 x 0. Antes, porém, havia derrotado o Sírio por 1 x 0, no jogo que abriu caminho para a conquista do título e no campo que seria seu quatro anos mais tarde.

das atrevidas — eta, Pequeno Polegar danado! —, caçavam-no em campo em busca de vingança. Todos recuavam diante da cara feia daquele zagueirão de poucos amigos.

No meio-campo, sobraram craques. E era inevitável que ficassem de fora, injustamente, monstros sagrados como Roberto Bellangero, Brandão, Amílcar, Rato, Dino Pavão e o gaúcho Touquinha. Mas, no fim, Luizinho, Rivelino e Sócrates — os mais votados — não poderiam mesmo faltar. Principalmente o Pequeno Polegar, magro e franzino, fintador como poucos na história do futebol brasileiro. Quantas vezes ele desmoralizou Luis Villa, o enorme centromédio do Palmeiras? Quem não se lembra do dia em que ele, provocador, sentou na bola diante do gigante uruguaio como um toureiro se ajoelha diante de um touro exaurido? No entanto — e talvez até mesmo por isso, por sua irreverência — poucas vezes foi convocado para a Seleção Brasileira. Numa dessas raras oportunidades, fez uma grande partida ao lado de Zizinho, numa memorável goleada do Brasil sobre a Tchecoslováquia (Rio, 4 x 1).



RONALDO KOTSCHO

Sócrates: toque de calcanhar, visão de jogo, talento e amor à camisa

Roberto Rivelino, o Reizinho do Parque, a Patada Atômica, não teve a mesma sorte que Luizinho. Foi com um estranho sentimento de frustração — e algum rancor — que a torcida acompanhou, no começo de 1975, sua ida para o Fluminense do Rio de Janeiro. Ele deixava o Parque carregando a culpa pelo fracasso de todo o time, que na decisão de 22 de dezembro de 1974 tinha perdido o título paulista para o Palmeiras. Mas o tempo apagou a mágoa e ele foi eleito o maior meia-esquerda da história do Corinthians. Faz-se justiça, afinal. Quem poderia ser mais corintiano que aquele garoto irrequieto e temperamental, ao declarar, após a Copa do Mundo de 1970, que "trocaria tudo por um título paulista pelo Corinthians?" Seu drible de elástico, sua cobrança de falta certeira, seu canhão de esquerda, jamais se apagarão da memória dos corintianos.

O toque de calcanhar, a visão de jogo e a habilidade de Sócrates, o Doutor, caracterizam um capítulo que será inesquecível na história do alvinegro. Frio e insensível em seus primeiros tempos de clube, ele é um símbolo de dedicação e amor à camisa. Um ▷

líder entre seus companheiros, capaz de jogar contundido e de comparecer à concentração, sem condições de atuar, só para incentivar a equipe.

O MAIS VOTADO de todos os jogadores desta Seleção foi Cláudio Christovam Pinho (23 indicações), o Gerente, sem dúvida o maior ponta-direita da história do alvinegro. Não é pouca coisa, para um time que já teve nessa posição um Filó, um Paulo Borges e até mesmo um Garrincha em fim de carreira. Hábil com a bola, líder nato, Cláudio era um sinônimo de Corinthians. Com seus cruzamentos precisos para a área, ajudou a eleger outro monstro sagrado: Baltazar, o Cabecinha de Ouro, escolhido como o melhor centroavante do Timão de todos os tempos — derrotando até o valente artilheiro Teleco.

Completando o ataque, comparece De Maria, um ponta-esquerda hábil e de chute preciso, que encantou platéias nas décadas de 20 e 30. Foi eleito entre um punhado de bem cotados, como o malabarista Mário — que na frente do gol ainda voltava para dar um drible — e o ágil Eduardo, tragicamente desaparecido em 1968, antes de poder mostrar todo o seu belo futebol.

Mais que um time ideal, esta Seleção alvinegra de todos os tempos encerra um pouco da história de glórias de um time fantástico, de seus heróis e de sua torcida. Essa mesma torcida que continua pronta a consagrar, como no passado, seus ídolos imortais do futuro. E a repetir, como o velho espanhol Correcher, que o Corinthians — e só o Corinthians — tem sempre razão. □

JB SCALCO

Na lateral-direita, ninguém melhor que Zé Maria

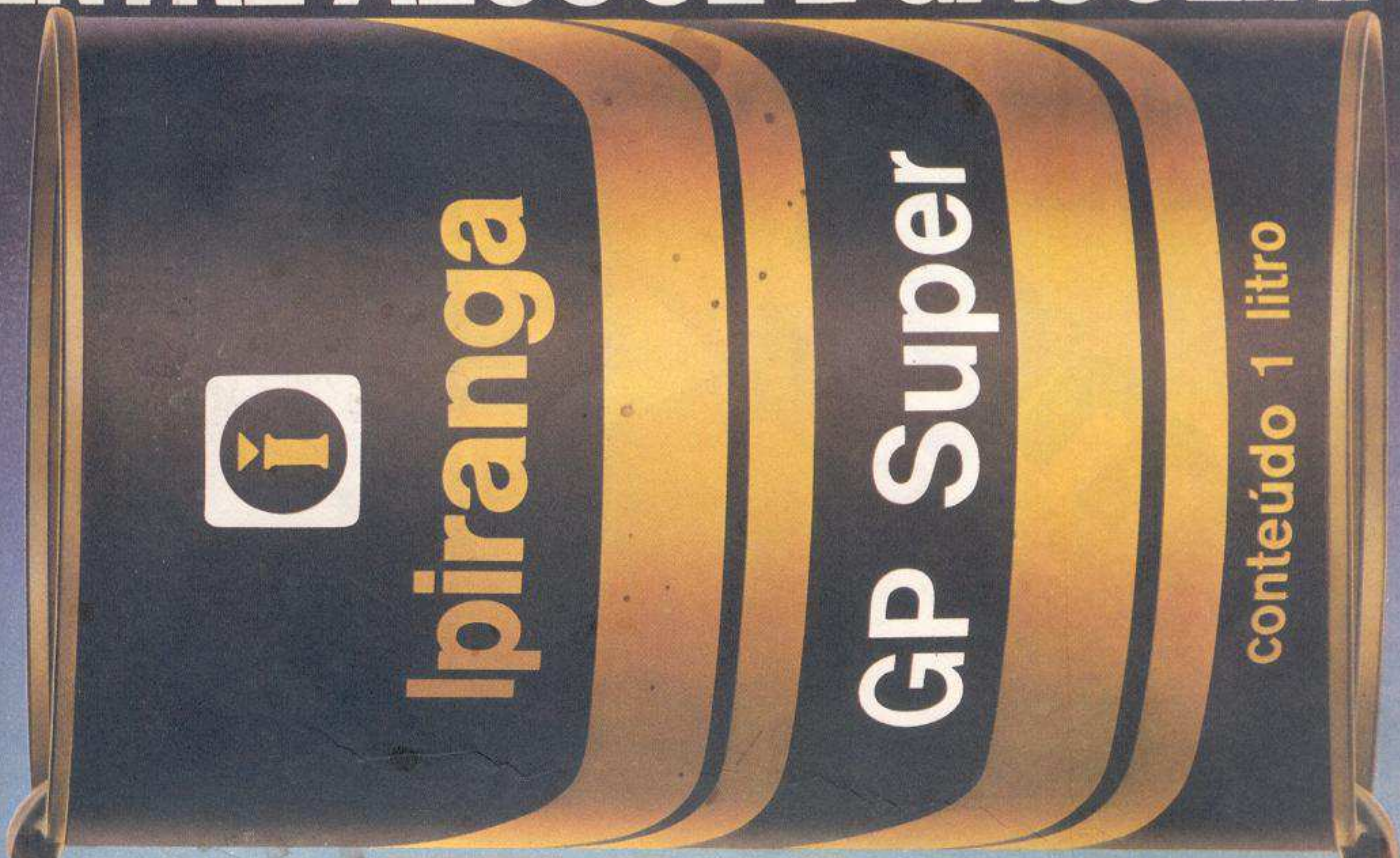
QUEM VOTOU

Votaram para a escolha do melhor Corinthians de todos os tempos, na edição 645 de PLACAR: *Jornalistas* — Juca Kfouri, Antônio de Almeida, Solange Bibas, Fran Neto, Ary Silva, Manoel Motta, Juarez Soares, Aroldo Chiorino, Américo Mendes, José Italiano. *Jogadores e cartolas* — José Martins Costa, Gilmar dos Santos Neves, Renê de Toledo, José Izar, Uriel Fernandes, Albino Lottito, Rodolfo Carbone, Orlando Monteiro Alves, José Aílton Rios, Antônio Fernandes. *Torcedores* — Francisco Mendes, Francisco Silva, Alexandre Jasa, Ricardo Izar, Waldemar Ribeiro, Manuel Amores, Raul Gil, Ovídio Arantes Ramos, Paulo Junqueira e Carlos Alberto Gouvêa Kfouri.

O CORINTHIANS VERDE-AMARELO

O Corinthians é um colecionador de títulos no futebol brasileiro. Sua participação nas seleções foi modesta, porém marcante. Nas duas primeiras Copas, nenhum jogador alvinegro convocado. Em 1938 jogaram Brandão (José Augusto Brandão), Jaú (Euclides Barbosa) e Lopes (Jim Lopes ou Alejandro Galan). Na Copa de 1950, Baltazar, o Cabecinha de Ouro (Osvaldo da Silva). Em 1954, Baltazar foi novamente convocado e, como inscrito, Cabeção (Luiz Moraes). Em 1958, só jogou Gilmar (Gilmar dos Santos Neves). Inscritos Oreco (Waldemar Rodrigues Martins) e, na fase classificatória, Roberto Bellangero. No tricampeonato de 1970, jogou Rivelino (Roberto Rivelino), inscritos Ado (Eduardo Roberto Stinghen), Zé Maria (José Maria Rodrigues Alves); na fase classificatória o goleiro Lula (José dos Santos Costa). Em 1974, jogaram Rivelino e Zé Maria; em 1978 jogou Amaral (João Justino Amaral dos Santos); na fase classificatória, Wladimir (Wladimir Rodrigues dos Santos) e Zé Maria. Na última Copa, em 1982, jogou Sócrates (Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira).

VOCÊ PODE ESCOLHER ENTRE ÁLCOOL E GASOLINA



MAS ÓLEO SÓ TEM UM

Todos os motores funcionam do mesmo jeito,
sejam a álcool ou gasolina.
Portanto, o óleo que serve para um serve para o outro.
Diferentes são as condições de temperatura, as pistas
e o desgaste que eles enfrentam.
Ainda mais num país deste tamanho.
Ipiranga GP Super é o óleo que mais entende de Brasil.
É uma fórmula desenvolvida para rodar em
condições tipicamente brasileiras. E que conserva por
mais tempo todas as características do óleo.
A classificação SF do Ipiranga GP Super faz do seu motor
uma supermáquina..
Seja qual for o carro ou o combustível.

FÓRMULA BRASIL

PARA ÁLCOOL E GASOLINA

IPIRANGA

É com ela que você faz o inimigo enxergar tudo vermelho.

Competitor.

Competitor é para quem compete com garra de vencedor.

O solado é de borracha vulcanizada e rebites de reforço. Marca PONY gravada autenticando o produto.

Artesanalmente construída em vaqueta-flor integral, superamaciada e selecionada. É para um profissional. E para um amador que joga como um profissional.

PONY®

Tecnologia mundial PONY ajudando a melhorar o futebol no país do futebol. PONY. Você não usa só por esporte.

Produzida sob licença da PONY International por Calçados Spessoto Ltda. - Cx. Postal 89 - Franca - SP.